Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Pavia, José Francisco Lynce Zagallo, 1967-

A Turquia em África

http://hdl.handle.net/11067/8384
https://doi.org/10.34628/EKKQ-T755

Metadados

Data de Publicação 2026

Resumo Os avanços da Turquia em África têm sido significativos. Ankara não quer ficar de fora no novo “jogo de poder” que se desenrola em África. Alguns autores falam mesmo na emergência de um “Consenso de Ankara” em contraste com o Consenso de Washington e o Consenso de Pequim. Será a Turquia capaz de levar a cabo estes objectivos ambiciosos no âmbito da sua política neo-otomana? Terão estes objectivos consistência? Tentaremos responder a estas e outras perguntas nesta publicação....

Turkey's advances in Africa have been significant. Ankara does not want to be left out of the new ‘power game’ unfolding in Africa. Some authors even speak of the emergence of an ‘Ankara Consensus’ in contrast to the Washington Consensus and the Beijing Consensus. Will Turkey be able to achieve these ambitious goals within the framework of its neo-Ottoman policy? Are these goals consistent? We will attempt to answer these and other questions in this publication....

Editor Universidade Lusíada Editora

Palavras Chave Turquia - História, Turquia - Relações externas - História, Turquia - Relações externas - África, África - Relações externas - Turquia, Turquia - Política e governo

Tipo book

Revisão de Pares Não

Coleções [ILID-CEJEIA] Livros

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-11-19T13:11:05Z com informação proveniente do Repositório

José Francisco Pavia

A TURQUIA EM ÁFRICA

Türkiye in Africa



Universidade lusíada editora

José Francisco Pavia

A TURQUIA EM ÁFRICA

Türkiye in Africa

(Edição bilingue/Bilingual edition)

Universidade lusíada editora

Lisboa • 2026

Catalogação na Publicação

PAVIA, José Francisco, 1967-

A Turquia em África = Türkiye in Africa / José Francisco Lynce Zagalo Pavia. – Lisboa : Universidade Lusíada Editora, 2026.
ISBN 978-989-640-299-0.

LCSH
1. Turquia - Relações externas - História
2. Turquia - Política e governo
3. Turquia - Relações externas - África
4. África - Relações externas - Turquia

LCC
DR479.A35 P38 202

Forma de Citação

PAVIA, José Francisco (2026). *A Turquia em África = Türkiye in Africa*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora. ISBN 978-989-640-299-0.

ODS • Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



Ficha Técnica

Autor	**José Francisco Pavia**		
	Centro de Estudos Jurídicos, Económicos, Internacionais e Ambientais (CEJEIA)		jfpavia@edu.ulusiada.pt
	Universidade Lusíada [https://ror.org/00zjprf31]		0000-0001-9059-8795
Título	**A Turquia em África = Türkiye in Africa**		
Local	Lisboa	**DOI**	https://doi.org/10.34628/EKKQ-T755
ISBN	978-989-640-299-0		
Edição	2026		
Editora	Universidade Lusíada Editora Rua da Junqueira, 188-198 – 1349-001 Lisboa • Telefone: +351 213 611 560 URL: http://editora.ulusiada.pt • E-mail: editora@lis.ulusiada.pt		
Coordenação editorial	Helder de Albuquerque Machado Paulo Amaral Soares	**Bibliotecária**	Ana Rita Ribeiro Maria da Anunciação Ferreira
Capa	Pedro Gama	**Paginação**	João Paulo Fidalgo

© 2026, Fundação Minerva – Cultura – Ensino e Investigação Científica | Universidade Lusíada
Creative Commons Atribuição - 4.0 Internacional
Os textos que constituem esta obra seguem, por decisão do respetivo autor, a antiga ou a atual grafia.
O conteúdo desta obra é da exclusiva responsabilidade do seu autor e não vincula a Fundação Minerva | Universidade Lusíada.
Texto submetido à plataforma de deteção de similaridade e plágio OURIGINAL.

SCAN ME

SUMÁRIO

1. Introdução 5

2. Os laços históricos do Império Otomano com África 5

2.1. Dois impérios colidem: otomanos e portugueses no Mar Vermelho e África Oriental 8

3. Do alinhamento com o Ocidente às ambições neo-otomanas 11

4. Otomanismo e política externa multidimensional 13

5. O novo "grande jogo" em África 15

6. O "consenso de Ankara" 20

6.1. As cimeiras Turquia-África 24

6.2. A aposta na educação, religião e ajuda ao desenvolvimento 25

6.3. O papel singular da Turkish Airlines 26

6.4. O aumento da presença diplomática 28

6.5. O lançamento da TRT África 29

7. Conclusões 30

Referências 34

Nota: Este livro corresponde, no essencial, à lição apresentada nas provas de agregação, na área científica das Ciências Socias, especialidade em Estudos Globais, realizadas na Universidade Aberta, em Julho de 2024. Algumas pequenas partes já foram publicadas noutras plataformas.

Resumo: Os avanços da Turquia em África têm sido significativos. Ankara não quer ficar de fora no novo "jogo de poder" que se desenrola em África. Alguns autores falam mesmo na emergência de um "Consenso de Ankara" em contraste com o Consenso de Washington e o Consenso de Pequim. Será a Turquia capaz de levar a cabo estes objectivos ambiciosos no âmbito da sua política neo-otomana? Terão estes objectivos consistência? Tentaremos responder a estas e outras perguntas nesta publicação.

Palavras-chave: Turquia, África, Consenso de Ankara, Neo-otomanismo, Competição.

1. Introdução

A política externa turca, desde que aparentemente perdeu a esperança de ingressar na União Europeia, adquiriu um novo realinhamento e uma nova ambição. Sentindo-se herdeira natural do antigo Império Otomano, a Turquia tem hoje uma política externa de geometria variável que vai desde as ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central (algumas delas com afinidades linguísticas e históricas como é o caso do Turquemenistão e do Azerbaijão), passando pelo mundo árabe, pelos Balcãs e chegando a África. Aqui competirá com players tradicionais como a União Europeia, os Estados Unidos da América e, agora, a República Popular da China, entre outros. Será capaz de fazer a diferença? Aparentemente – e de acordo com os resultados da última cimeira Turquia-África – as perspectivas a curto prazo afiguram-se bastante positivas.

2. Os laços históricos do Império Otomano com África

O Império Otomano, que durou do início do século XIV até ao início do século XX, foi uma grande potência global que teve um impacto significativo em várias regiões do mundo, incluindo em África. Os laços do Império Oto-

mano com África remontam às suas origens e continuaram ao longo de sua história até ao seu colapso no final da I guerra mundial.[1] O interesse do Império Otomano em África começou com a sua expansão para o Egipto em 1517. Os otomanos viam o Egipto como uma porta de entrada vital para o comércio com o resto de África e o Oceano Índico. Os otomanos também expandiram a sua presença ao longo da costa africana, estabelecendo entrepostos comerciais e fortalezas em diferentes geografias como a Tunísia, a Argélia, o Egipto, o Sudão e a Líbia. Esses esforços deram aos otomanos uma posição significativa no Norte da África, que mantiveram por vários séculos.[2] Um dos laços culturais mais significativos entre os otomanos e o continente africano foi através do Islão. O Islão era uma parte significativa da identidade otomana, e os otomanos estavam empenhados em espalhar a religião por todo o mundo. Em África, o Império Otomano desempenhou um papel significativo na disseminação do Islão, construindo mesquitas e madraças (escolas corânicas) e enviando estudiosos e pregadores muçulmanos ao continente para espalhar a sua fé. Como resultado, o Islão tornou-se uma parte essencial de muitas culturas africanas, particularmente no Norte e no Oriente africanos.



Figura 1. The Ottoman Empire
Fonte: https://theconversation.com/five-things-you-need-to-know-about-the-ottoman-empire-192137 (Acesso em 03/12/2025).

[1] Cf. Minawi, Mostafa (2016) The Ottoman Scramble for Africa – Empire and Diplomacy in the Sahara and the Hijaz. Stanford, California: Stanford University Press.
[2] Cf. Kinross, Lorde (2022) Os Séculos Otomanos – Ascensão e Queda do Império Turco. Silveira: Bookbuilders.

O Império Otomano também teve um impacto económico significativo em África. Comerciantes otomanos estabeleceram extensas redes comerciais em todo o continente, particularmente no Norte de África. Eles comercializavam mercadorias como têxteis, especiarias e ouro e facilitavam a troca de ideias e tecnologias entre o continente africano e o Império Otomano. Os otomanos também estabeleceram uma rede de comércio de escravos, que envolvia a captura e transporte de escravos africanos para o Império Otomano, onde eram usados como empregados domésticos e soldados (mamelucos).

No século XIX, a influência do Império Otomano em África começou a declinar quando as potências europeias começaram a colonizar o continente. Porém, é necessário recordar que o Império Otomano também esteve representado na Conferência de Berlim (1884-1885), como um dos óbvios interessados na "partilha" de África. A actual "narrativa" Turca de que o império Otomano não foi uma potência colonial como as outras carece de fundamento:[3]

> "(...) A realidade é que os diplomatas otomanos estavam em Berlim, em 1884 (...) Eles estavam lá para representar o império como uma das potências a decidir as regras que levaram à divisão de África (...) Eles lutaram por aquilo que acreditavam ser a sua "esfera de influência" em África" (Tradução do autor).

O soberano da Sublime Porta era na altura Abdulhamid II e a representação do Império Otomano na Conferência de Berlim coube a Mehmed Said Pasha e Ohan Efendi.[4] A participação do Império Otomano na Conferência de Berlim não se saldou por resultados satisfatórios, apenas se conseguiu a inclusão de alguns artigos onde se consagrava a liberdade religiosa com o objectivo de proteger as populações islâmicas em África.[5]

Neste enquadramento as potências europeias, como a Grã-Bretanha, a Alemanha, a Itália e a França, estabeleceram colónias, protectorados e zonas de influência no Norte de África e, no início do século XX, com a derrota na I guerra mundial, o Império Otomano tinha perdido todos os seus territórios em África. A Argélia foi ocupada pela França em 1830, a Tunísia também foi ocupada pela França, em 1881, o Egipto foi dominado pelo Reino Unido em

[3] Cf. Minawi, Mostafa (2016) op. cit. p. 8.
[4] Dogan, Ahmet (2021) Berlin West African Conference 1884-1885 and the Ottoman Empire. Master Dissertation submitted to the Graduate School of Social Sciences of Middle East Technical University. Ankara: s.e. pp. 4-5.
[5] Idem. p. 95.

1882, o Sudão foi posteriormente conquistado pelos ingleses em 1898 e a Tripolitânia foi dominada pelos Italianos em 1911. Hoje, os laços do ex-Império Otomano em África, que ainda perduram, são principalmente culturais e históricos. Muitos países africanos, particularmente no Norte e no Leste de África, têm populações muçulmanas significativas e mantêm laços culturais – e não só - estreitos com o legado do Império Otomano. Além disso, houve um interesse renovado na influência do Império Otomano em África nos últimos anos, com vários autores[6] examinando o papel do império na disseminação do Islão, no tráfico de escravos e nos seus diversos impactos e legados no continente.

O Império Otomano teve, portanto, um impacto significativo em África, com laços que remontam às suas origens e continuaram ao longo da sua história. As interações económicas, culturais e políticas dos otomanos com África deixaram um legado duradouro que ainda hoje é sentido. O papel do Império Otomano na difusão do Islão e seu impacto económico e cultural no continente são factores significativos na história de África e continuam a ser estudados e debatidos ainda hoje.[7]

A Turquia dos nossos dias sente-se a natural herdeira do império Otomano e, embora o continente africano tenha estado "esquecido" nos vectores mais importantes da política externa durante bastante tempo, ele ressurgiu agora e marca uma das dimensões contemporâneas da política externa Turca. Não é por acaso que a presença e os interesses mais significativos da Turquia estejam agora presentes na parte Oriental e no Norte do continente africano, onde o legado do império Otomano perdurou. Existem laços históricos, culturais e religiosos que aproximam ambas as partes, a que agora se somam os interesses económicos, geopolíticos e geoestratégicos.

2.1. Dois impérios colidem: Otomanos e Portugueses no Mar Vermelho e África Oriental

Em meados do séc. XVI a presença portuguesa na Índia, na África Oriental, no Golfo Pérsico e no Mar Vermelho ameaçava o império Otomano, quer em termos geoestratégicos, quer em termos económicos. Relativamente á questão militar, os portugueses ao terem flanqueado o império Otomano com a abertura do caminho marítimo para a Índia, em 1498, abrirão uma nova frente de combate ao império da Sublime Porta, através do oceano Ín-

[6] Ver, inter alia, Kinross, Lorde (2022) op. cit.; Minawi, Mostafa (2016) op. cit. e Faroqui, Suraiya (2004) The Ottoman Empire and the world around it. New York: I.B. Tauris.
[7] Inalcik, Halil et al (1997) An Economic and Social History of the Ottoman Empire, 1300-1914. Cambridge: Cambridge University Press.

dico e da África Oriental. Os cristãos encontravam-se agora no Mediterrâneo e, também, no Oceano Índico, ameaçando a rectaguarda Otomana e as lucrativas rotas comerciais no Mar Vermelho, Golfo de Áden, Golfo Pérsico e Oceano Índico. Como nos relata Edgar Pereira:8

"Após a viagem de Vasco da Gama, foi aberta uma artéria transcontinental que ligou directamente os dois extremos da Eurásia pela passagem do Cabo da Boa Esperança, pela designada <rota do cabo>. Daí em diante, a dependência das economias europeias da fachada atlântica de intermediários do Mediterrâneo e do Levante, para obterem os bens de consumo provenientes da Ásia, foi superada. (...) Os navios da linha equipados pela Coroa portuguesa asseguraram o transporte intercontinental de especiarias, têxteis, porcelanas, cerâmicas, pedras preciosas, búzios e salitre."



Figura 2. Portuguese colonial enterprise
Fonte: https://selfstudyhistory.com/2015/01/26/portuguese-colonial-enterprise/ (Acesso em 03/12/2025).

Nesse enquadramento Solimão o Magnífico (1520-1566) decide enviar esquadras através do Mar Vermelho para combater os cristãos Portugueses ao que Dom João III (1521-1557) riposta através do estabelecimento de alianças com potentados locais na Índia e na Abissínia. Também em termos económicos, como já vimos, os Portugueses desferiram um rude golpe nas finanças Otomanas dado que o comércio das especiarias foi desviado da rota

[8] Pereira, Edgar Cravo Bertrand (2020) Calecute e Porto Seguro: a génese da pluricontinentalidade. In: Fiolhais, Carlos e Franco, José Eduardo e Paiva, José Pedro (Dir.) (2020) História Global de Portugal, Lisboa: Temas e Debates, pp. 329-334.

terrestre, através da Península Arábica, para a rota marítima circum-navegando África e chegando a Lisboa.[9] Solimão o Magnífico chega a enviar uma carta a Dom João III propondo a compra directa de pimenta e outras especiarias para serem entregues ao governador Otomano de Áden:[10]

> "Nessa situação que tinha mudado, Soleimão, o Magnífico, havia sugerido ao rei português D. João III, através de uma carta datada de 28 de Maio de 1544, que estava disposto a comprar 2000 quilogramas de pimenta e outras especiarias aos Portugueses para serem entregues ao governador otomano em Áden. Este pedido pode ter sido feito para garantir o fornecimento regular de especiarias no Mediterrâneo e para sustentar o comércio veneziano. Porém esse sonho não foi realizado." (Tradução do autor).

A confrontação entre Otomanos e Portugueses na África Oriental dar-se-á, sobretudo, no Corno de África e costas do Mar Vermelho. A campanha do Suez (1541), liderada por Estevão da Gama, tinha como objectivo destruir a esquadra Otomana, mas não logrou os seus objectivos. Contudo, aportou em Massawa (na actual Eritreia), respondendo ao apelo do império cristão da Etiópia (o famoso Preste João), que estava a ser atacado por forças islâmicas, ligadas aos otomanos. Esta campanha (a campanha da Etiópia, 1541-1543) conhece várias batalhas, onde numa delas (a batalha de Wofla) os portugueses e seus aliados são derrotados sendo Cristóvão da Gama (irmão de Estevão da Gama e ambos filhos de Vasco da Gama) capturado e posteriormente executado; porém, as forças etíopes e os seus aliados portugueses conseguem reagrupar-se e vencem a batalha de Wayna Daga pondo fim à guerra e conseguindo que o Reino cristão da Etiópia perdurasse.[11]

Esta disputa entre os impérios Português e Otomano terminará, de alguma maneira, por ter o seu epílogo, em Alcácer Quibir, em 1578, onde o rei Português Dom Sebastião acabará por ser derrotado e morrer, conduzindo esse episódio à posterior dominação Filipina e à perda da independência, que só será restaurada em 1640. Também nessa batalha se dá um confronto, em África, entre forças portuguesas e forças aliadas do império Otomano, que já dominava todo o Norte de África com excepção de Marrocos. O objectivo de Dom Sebastião era precisamente impedir esse desiderato dado que as forças Otomanas tinham reconquistado Túnis em 1574. A ironia da história

[9] Cf. Kinross, Lorde (2022) op. cit. pp. 255-293.
[10] Malekandathil, Pius (2010) Maritime India: Trade, Religion and Polity in the Indian Ocean. New Delhi: Primus Books. p. 120.
[11] Costa e Sousa, Luís (2008) Campanha da Etiópia, 1541-1543. 400 Portugueses em socorro do Preste João. Lisboa: Tribuna da História.

fará com que os Otomanos que tinham perdido às mãos dos Portugueses o lucrativo comércio das especiarias e posições geoestratégicas no Oceano Índico, Golfo Pérsico e África Oriental, se vissem agora "vingados" no Norte de África às portas do Atlântico.

3. Do alinhamento com o Ocidente às ambições neo-otomanas

Desde a fundação da República em 1923, com Mustafa Kemal Ataturk, que a Turquia optou por caminhar rumo à ocidentalização. Esse processo começou com a constituição de 1921 – comemorou-se recentemente (2021) o centenário daquela constituição fundadora – que abriu caminho para a institucionalização do moderno Estado turco.[12] Este processo não foi pacífico, tendo os turcos travado o que chamaram de "guerra da independência" que conduziu ao Tratado de Lausanne (1923), onde se obteve o reconhecimento internacional da nova República. Recorde-se que, na sequência da derrota na I Guerra Mundial, o Império Otomano, ao abrigo do Tratado de Sévres (1920), viu-se obrigado a ceder territórios, aceitar áreas de influência e concordar com a criação de um Estado curdo. Foram precisamente os termos deste tratado, considerados inaceitáveis pelos nacionalistas turcos, que conduziram à "guerra da independência", que culminou no já referido Tratado de Lausanne, muito mais favorável às pretensões turcas.[13]



Figura 3. Treaty of Lausanne
Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Treaty_of_Lausanne#/media/File:Turkey-Greece-Bulgaria_on_Treaty_of_Lausanne.png (Acesso em 03/12/2025).

[12] Pavia, José Francisco (2021) "La réception de la Constitution Turque de 1921 par les constitutionnalistes dans le monde Lusophone", Polis, N. 4 (II Série), Julho-Dezembro 2021, pp. 57-62. DOI: https://doi.org/10.34628/hf80-5173

[13] Veja-se uma interessante síntese do Padre Manuel Antunes sobre este período: Antunes, Manuel (2008) Obra Completa do Padre Manuel Antunes, Tomo III, Política e Relações Internacionais, Vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 324-336.

Essa política de ocidentalização durou todo o século passado. A Turquia manteve a neutralidade na II Guerra Mundial, até fevereiro de 1945, quando decidiu entrar ao lado dos Aliados; daí o convite para a sessão inaugural das Nações Unidas. Em 1949 reconhece o Estado de Israel, mais um passo na aproximação com o Ocidente, para consternação dos seus vizinhos árabes. Em 1952, a Turquia tornou-se membro da NATO e, em 1963, o seu pedido de adesão ao então Mercado Comum Europeu foi aceite na sequência da assinatura do acordo de Ankara.[14]

A Turquia foi durante toda a Guerra Fria um parceiro valioso do Ocidente na contenção da União Soviética e, ao mesmo tempo, um país-ponte entre a Europa e a Ásia e entre o Islão e o Cristianismo. No entanto, após o fim da Guerra Fria a Turquia perdeu muito da sua importância geoestratégica para o Ocidente e, além disso, começou-se a perceber, no seio da elite dirigente Turca e até da sua opinião pública, que dificilmente a Turquia iria aderir à União Europeia, depois da adesão da Grécia em 1981 e, principalmente, do Chipre em 2004. Convém recordar que a Turquia invadiu e ocupou a parte Norte do Chipre desde 1974 e a situação mantêm-se assim ainda hoje; esse facto faz com que Nicósia (capital da República do Chipre) estabeleça uma correlação entre uma eventual adesão e a resolução prévia deste problema. Não se nos afigura fácil que tal venha a acontecer porque, na sequência da descoberta de grandes jazidas de gás natural em águas próximas da República do Chipre, a Turquia já reivindicou em termos de fronteiras marítimas grandes áreas que se encontram precisamente no centro de um novo potencial conflito entre Ankara, a Grécia e a República de Chipre, entre outros.[15] Também é muitas vezes mencionado que o coup de grâce nas pretensões turcas de alguma vez aderir à União Europeia foi o chamado "efeito Sarkozy".[16] Efectivamente, em 25 de Fevereiro de 2011, na sequência de uma visita de cinco horas que o ex-presidente francês fez a Ankara, a sua mensagem foi clara: "A França é contra a adesão da Turquia à União Europeia".[17] Assim, a nova política externa turca (por alguns apelidada de neo-otomanismo) que já vinha a ser desenhada entre os finais do século passado e início deste século, acabou por ter um impulso fundamental na sequência deste episódio, que terá sido o ponto de

[14] Davutoglu, Ahmet (2008) "Turkey's Foreign Policy Vision: An Assessment of 2007", Insight Turkey, Vol,10, N. 1, pp. 77-96. [Online] Available at: http://file.setav.org/Files/Pdf/ahmet-davutoglu-turkeys-foreign-policy-vision-an-assessment-of-2007.pdf (Acesso 29/12/2022).

[15] Estival, Jean-Pierre (2021) La Guerre du Gaz en Méditerranée: Géopolitique du Partage de la Mer. Paris: L´Harmattan.

[16] "Why the EU loves Erdogan". In: https://www.politico.eu/article/turkey-why-the-eu-loves-recep-tayyip-erdogan-elections/ (Acesso em 11/05/2023).

[17] "France says blunt "non" to Turkey". In: https://www.france24.com/en/20110225-france-sarkozy-gul-turkey-eu-hopes (Acesso em 11/05/2023).

viragem para Erdogan.[18] Muito recentemente (Setembro de 2023) foi o próprio Nicolas Sarkozy a confirmar essa oposição à entrada da Turquia na União Europeia. Com efeito, no seu livro de memórias "Le Temps Des Combats", o ex-presidente francês relatando um encontro com Erdogan, recorda:

> "J´avais rendez-vous à l´Élysée avec um rude interlocuteur en la personne de Recep Tayyp Erdogan, le chef du gouvernement turc. Il y avait um sérieux contentieux entre nous, puisq´il me considérait à juste titre comme le premier opposant à l´entrée de son pays dans l´Union européenne. Je ne pouvais lui em tenir rigueur: c´était exact. (...).[19] (Em francês no original. Ênfase do autor).

4. Otomanismo e política externa multidimensional

O ex-presidente Turgut Özal chegou ao poder no final da década de 1980 (o seu mandato enquanto Presidente da Turquia decorreu entre 1989 e 1993), coincidindo com importantes mudanças internacionais como o fim da Guerra Fria, a implosão da União Soviética e a primeira guerra do Golfo, nessa altura ele tentou usar essas novas circunstâncias para atenuar a conflitualidade internacional direcionando a política externa Turca para um novo pragmatismo, afirmando que "estou convencido de que a Turquia deveria deixar de lado sua política relutante anterior e entrar em novas políticas activas".[20] Mais tarde, em 1998, uma coligação governamental liderada pelo primeiro-ministro Mesut Yilmaz, redefiniu o papel internacional da Turquia, afastando-a do seu "status" de tradicional aliado do Ocidente em direção a uma presença global mais activa.[21] Esta mudança foi uma consequência directa e a percepção por parte dos turcos – aparentemente acertada, como já vimos - de que a adesão à União Europeia estava comprometida e por isso era necessária uma nova política. Essa assunção de uma nova política externa foi posteriormente acompanhada por um afastamento da secularização e laicização, que haviam sido uma marca registada da Turquia. Além disso, nesta época (2001), foi formado o Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP), liderado por Recep Tayyip Erdogan e Abdullah Gul, que sairão vencedores das eleições de 2002; desde então, Recep Tayyip Erdogan, foi Presidente ou Pri-

[18] "Why the EU loves Erdogan". op. cit.

[19] Sarkozy, Nicolas (2023) Le Temps Des Combats. Paris: Fayard. p. 318.

[20] Kaliber, Alper (2013) The Post-Cold War Regionalisms of Turkish Foreign Policy. [Online] Available at: (2) (PDF) Kaliber, Alper. "The Post-Cold War Regionalisms of Turkish Foreign Policy." Journal of Regional Security 8:1 (2013): 25-48. | Journal of Regional Security - Academia.edu (Acesso 27/12/2022).

[21] "Third Turkey-Africa Partnership Summit delivers win-win agreements". In: https://african.business/2021/12/trade-investment/turkey-africa-partnership-summit-set-for-17-18-december/ (Acesso 28/12/2022).

meiro-Ministro da Turquia tendo ganho praticamente tudo – cinco eleições legislativas, três eleições locais, três presidenciais (em 2014, 2018 e 2023) e três referendos constitucionais (2007, 2010 e 2017), sendo que este último, realizado em 16 de Abril de 2017, transformou o regime turco num sistema presidencialista, com praticamente todos os poderes executivos nas mãos do presidente.[22]

A ideologia neo-Otomana pode ser descrita como uma espécie de tentativa de restaurar as antigas glórias do império Otomano. O objetivo seria que a Turquia estendesse sua influência ao mundo árabe, Norte de África e ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central, além dos Balcãs. Além disso, deveria prosseguir os seus próprios interesses, independentemente de estes poderem colidir com os dos seus aliados da NATO. O princípio da política externa multidimensional poderia estar ancorado na ideia de que as relações entre os actores internacionais não são substitutas, mas complementares. Assim, ser membro da NATO não deve impedir boas relações com a Rússia; ter relações diplomáticas com Israel não deve impedir a proximidade com o mundo árabe ou ser um parceiro de diálogo com a Organização de Cooperação de Xangai não deve ser um obstáculo para ter relações amistosas com o Ocidente. Deve-se levar em conta que a Turquia é membro do G20, uma potência regional indiscutível e herdeira de um antigo grande império; portanto, essas ambições são uma forma de escapar ao papel modesto que, segundo esta nova liderança, a Turquia não está condenada. Ahmet Davutoglu, ministro dos negócios estrangeiros entre 2009 e 2014, ascendendo depois ao cargo de primeiro-ministro, que ocupou entre 2014 e 2016, foi um dos principais ideólogos e obreiros deste novo posicionamento turco. Ele propôs cinco princípios, que são a base do neo-Otomanismo e da política externa em todos os azimutes:[23]

1. "O equilíbrio entre a democracia e a segurança: ambos são indissociáveis.
2. A política de zero problemas com os vizinhos: tornou-se o postulado mais célebre de Davutoglu.
3. Uma diplomacia proactiva e preemptiva.
4. Uma política externa multidimensional.
5. Uma diplomacia rítmica: a Turquia deve manter uma presença activa nos fora e instâncias internacionais. O objectivo é que a Turquia seja considerada não como um ponto, mas como um centro".

[22] "Eleições presidenciais e legislativas podem trazer surpresas na Turquia". In: https://www.rfi.fr/pt/mundo/20230510-eleições-presidenciais-e-legislativas-podem-trazer-surpresas-na-turquia (Acesso em 12 de Maio de 2023).
[23] Al Raisi, Lara (2023) op. cit. pp. 59-61.

Em termos de política interna, esta política afasta-se dos princípios kemalistas de secularização e laicização, adoptando uma aliança com os islâmicos mais conservadores e sua visão de Estado e sociedade. Também se notou um crescente autoritarismo das autoridades turcas, que se intensificou acentuadamente após o golpe de Estado fracassado de 2016. Este episódio foi usado para limitar fortemente as liberdades individuais, de reunião, de associação e de imprensa, levando a Turquia a ser actualmente classificada como Not Free (Não Livre) pela Freedom House.[24] Foi também nessa sequência – e ainda na vigência do "estado de emergência" – que o presidente Erdogan vai aproveitar para realizar o referendo constitucional de 16 de Abril de 2017, a que já fizemos referência, e que acaba por transformar o sistema de governo turco num "sistema presidencialista personalizado e autoritário".[25]

5. O novo "grande jogo" em África

Uma das áreas geográficas que a Turquia considera ser sua influência natural é a África; não apenas o Norte da África que fazia parte do antigo império otomano, mas também a África subsariana. A Turquia não está sozinha neste novo interesse por África, que se nota desde o início do século XXI. Muitos outros países demonstraram esse interesse, além daqueles que eram tradicionais como as ex-potências coloniais, os Estados Unidos e mais recentemente a China. Do Japão, Brasil, Malásia e Rússia à Índia, tem havido um apetite crescente pela África e suas riquezas. De tal forma que já se fazem comparações com a grande corrida para a África que ocorreu após a famosa conferência de Berlim de 1884/85. Segundo Folashadé Soulé,[26] tal narrativa é enganosa, pois a situação actual é completamente diferente. Desde logo porque no século XIX os africanos simplesmente não eram ouvidos e fazia-se uma divisão com régua e esquadro das actuais fronteiras africanas; a situação actual é obviamente diferente. Além disso, os africanos podem agora "jogar" com as rivalidades entre os diferentes actores, tirando partido da situação e salvaguardando os seus melhores interesses.

[24] "Freedom in the World 2023 – Turkey". In: https://freedomhouse.org/explore-the-map?type=fiw&year=2023&country=TUR (Acesso 07/04/2023).

[25] Cf. Kaboğlu, İbrahim (2017) "Turquie: Suppression Du Regime Parlementaire Sous l'état d'urgence (des Remarques préliminaires Sur La Modification Constitucionnelle "approuvée" Par Le référendum Du 16 Avril 2017)", Lusíada. Política Internacional e Segurança, n. 13-14 (Setembro). Lisboa:133-52. In: http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/lpis/article/view/2436 (Acesso em 12 de Maio de 2023).

[26] Soulé, Folashadé (2020) "Africa+1" summit diplomacy and the "new scramble" narrative: Recentering African agency", African Affairs, Volume 119, Issue 477, October 2020, pp. 633-646. In: https://academic.oup.com/afraf/article/119/477/633/5851108 (Acesso 27/12/2022).

A Turquia não quis ficar para trás neste novo grande "jogo" e, também dentro da sua política externa multidimensional, aumentou significativamente a sua presença em África, rivalizando já com algumas potências mais tradicionais.[27] Os números falam por si: o volume de comércio entre a Turquia e a África é enorme, como disse à DW o economista Guven Sak, do Instituto Turco de Política Económica (TEPAV). "A soma total de todos os projectos concluídos no continente até o momento é de cerca de US$ 70 bilhões (€ 62 bilhões)." Em 2020, diz Sak, as exportações turcas para África totalizaram US$ 15 bilhões.[28] O volume de projectos levados a cabo por companhias Turcas em África tem-se expandido rapidamente e chegou ao montante de 77,8 bilhões de USD. A Turquia já estabeleceu Conselhos de Negócios com 45 países africanos.[29] Em Dezembro de 2021, à semelhança do que outros países e organizações regionais fazem, a Turquia organizou a terceira Cimeira de Parceria Turquia-África, onde o a esmagadora maioria dos países africanos estava representada. Nesta cimeira, entre outros acordos, o presidente turco Erdogan prometeu enviar 2,5 milhões de doses da vacina COVID para África.[30] Esta posição contrastava com as reticências europeias em fazer o mesmo, nomeadamente no âmbito do mecanismo COVAX.



Figura 4. Türkiye-Africa relations have grown stronger over the years
Fonte: https://www.trtafrika.com/english/article/472cf6c04261 (Acesso em 03/12/2025).

[27] Marcou, Jean (2021) La Turquie en Afrique: une présence tous azimuts. In: https://information.tv5monde.com/afrique/la-turquie-en-afrique-une-presence-tous-azimuts-428937 (Acesso 28/12/2022).
[28] "Turkey´s Erdogan is scoring points in Africa". In: https://www.dw.com/en/turkeys-erdogan-is-scoring-points-in-africa/a-60174019 (Acesso 27/12/2022).
[29] "Turkey-Africa Relations". In: https://www.mfa.gov.tr/turkiye-africa-relations.en.mfa (Acesso 07/04/2023).
[30] "Turkey´s Erdogan is scoring points in Africa". op. cit.

Alguns países europeus têm sentido esta assertividade Turca em diferentes graus. No caso francês, foi notado que a Turquia tem tirado partido das dificuldades de relacionamento crescentes entre Paris e algumas das suas ex-colónias no Sahel e na África do Norte e Central. Este facto foi notório na visita do Presidente Erdogan ao Niger e na aproximação ao Mali. Também são conhecidas as diferentes posições de Ankara e de Paris no conflito da Líbia.[31] Muitos autores franceses têm a percepção de que a Turquia aproveita – e até incentiva – este sentimento anti-francês como nos explica Luis Martinez, director do prestigiado centro de investigação Sciences Po – CERI:[32]

> "(...) Em paralelo, as ambições da Turquia em África conduziram Ankara a uma aproximação com a Argélia que se traduziu num aumento dos investimentos turcos no país (cinco biliões de dólares) e nas trocas comerciais – a Turquia tornou-se em 2020 o terceiro cliente da Argélia. As relações com a Turquia de Erdogan são qualificadas de "excelentes" pelo presidente Tebboune (presidente argelino). Esta ligação suscita numerosas preocupações em França, particularmente por causa dos seus interesses no Sahel." (Tradução do autor).

Estas rivalidades reflectem o descontentamento de Ankara face a algumas políticas francesas, nomeadamente no apoio à Grécia e aos arménios, bem como no caso de Chipre. Além disso, a Turquia não esquece a oposição francesa ao seu desejo de adesão à União Europeia, como já referimos atrás, nomeadamente o chamado "efeito Sarkozy". A diplomacia de Ankara, e particularmente o presidente Erdogan, não perdem uma oportunidade para confrontar Paris com as suas cada vez maiores dificuldades no relacionamento com as ex-colónias em África. Recentemente (Agosto de 2023), na sequência de mais um golpe militar, desta vez no Níger, que levou este país do Sahel a suspender as exportações de urânio para França[33], entre outras medidas

[31] "France-Turkey Dispute Grows Over Cartoons and Influence in Africa". In: https://www.voanews.com/a/europe_france-turkey-dispute-grows-over-cartoons-and-influence-africa/6197727.html (Acesso 07/04/2023).

[32] Martinez, Luis (2023) L´Afrique, Le Prochain Califat? Paris: Tallandier. p. 172.

[33] O Níger é o principal fornecedor de urânio a França. A multinacional francesa ORANO controla uma parte significativa das minas de urânio naquele país africano. Mais de 70% da electricidade produzida em França tem origem em centrais nucleares. Esta suspensão pode ter implicações significativas na indústria nuclear francesa. Ver, inter alia, "How dependent is France on Niger´s uranium?"- In: https://www.lemonde.fr/en/les-decodeurs/article/2023/08/04/how-dependent-is-france-on-niger-s-uranium_6080772_8.html (Acesso 05/08/2023).

anti-francesas, o presidente Erdogan congratulou-se com o facto aludindo ao passado colonial francês e reafirmando a disposição de Ankara de "manter relações positivas com os países africanos".[34] Este mal-estar está reflectido na entrevista concedida pelo presidente francês, Emmanuel Macron (25 de Setembro de 2020), onde declarou:[35]

> "(...) Os russos e os turcos não querem, de todo, o desenvolvimento de África. Eles são neocoloniais". (Tradução do autor).

No caso português, a presença Turca em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, acaba por ser vista como mais um concorrente em mercados em que tradicionalmente as empresas portuguesas têm alguma vantagem competitiva. A Turquia é um forte concorrente nas empreitadas de construção civil e no fornecimento de alguns bens e serviços, mas também o são a República Popular da China ou o Brasil, só para citar alguns.[36] No caso da Guiné-Bissau a dimensão religiosa tem sido a principal preocupação de alguns sectores; a Turquia tem financiado a construção de um grande número de mesquitas e madrassas e teme-se que a tradicional harmonia entre cristãos e muçulmanos possa ser invertida.[37]

Esta nova relação entre a Turquia e o continente africano tem sido descrita como "win-win", pois os países africanos conseguem ter um novo parceiro de cooperação, que lhes concede créditos, realiza investimentos e que pode rivalizar com as potências tradicionais, nomeadamente as antigas potências coloniais e os Estados Unidos da América. Numa visita à Zâmbia, o Presidente Erdogan afirmava que:[38]

> "A Turquia não vem para África apenas à procura de ouro e outros recursos naturais como fizeram os ocidentais no passado,

[34] Cfr: "Erdogan: Niger´s Suspension of Uranium Export Is "Response" to France´s Oppression". In: https://www.moroccoworldnews.com/2023/08/356882/erdogan-nigers-suspension-of-uranium-export-is-response-to-frances-oppression (Acesso 05/08/2023).

[35] Glaser, Antoine e Pascal, Airault (2023) Le Piège Africain de Macron – Du continente à l´Hexagone. Paris: Pluriel. p. 241.

[36] "Os novos parceiros estratégicos de Angola e a posição de Portugal". In: https://www.cedesa.pt/2021/10/29/os-novos-parceiros-estrategicos-de-angola-e-a-posicao-de-portugal/ (Acesso 07/04/2023).

[37] "Guiné-Bissau: "Há políticos que tentam transformar o país num estado islâmico", denuncia director da rádio da igreja". In: https://www.fundacao-ais.pt/pt/noticias/noticias1-guine-bissau---ha-politicos-que-tentam-transformar-o-pais-num-estado-islamico--denuncia-director-da-radio-da-igreja/ (Acesso 15/04/2023).

[38] Bechev, Dimitar (2022) Turkey Under Erdogan. New Haven and London: Yale University Press. p. 180.

mas na procura de uma sólida e duradoura parceria baseada em benefícios mútuos". (Tradução do autor).

Assim, nesta perspectiva a Turquia consegue aliados, obtém um enorme mercado para suas exportações e obtém acesso a uma enorme variedade de matérias-primas. Um caso interessante tem sido a cooperação na área da defesa e venda de armas, nomeadamente drones.[39] Drones de fabrico turco têm sido usados com grande sucesso nos conflitos na Líbia, Síria e Nagorno-Karabagh; já foram adquiridos por Marrocos, Etiópia e Tunísia, com significativo interesse de outros países africanos na sua aquisição.[40]

Em suma, a Turquia é definitivamente um parceiro com o qual a África pode contar e pode até rivalizar com outras ex-potências coloniais em países e territórios onde costumavam ser dominantes nos domínios da cooperação, comércio e investimento. A República Popular da China já havia superado essas potências na sua presença em África; agora é a vez da Turquia? Aparentemente, até agora, a Turquia tem alcançado seus objetivos. Mas, em termos de consistência e longo prazo, só o futuro poderá dizer.

6. O "consenso de Ankara"

A questão da eventual existência, ou não, de um "Consenso de Ankara", no relacionamento da Turquia com África, leva-nos inevitavelmente à revisitação dos outros "Consensos", o de Washington e o de Pequim, já objecto de inúmeras teorizações na literatura.[41] O termo "Consenso de Washington" abrange os condicionalismos económicos e políticos impostos pelas instituições financeiras internacionais, concretamente o Fundo Monetário Internacional e o Grupo do Banco Mundial, que têm sede em Washington, e que os aplicam como contrapartida da concessão de créditos. Essas condicionalidades acabaram por ser aplicadas, mais tarde, por outros organismos multilaterais e bilaterais de origem Ocidental (Estados Unidos da América e Europa), nomeadamente a partir dos anos de 1990. As condicionalidades económicas

[39] Marcou, Jean (2021) Les drones, nouvelle arme de la diplomatie turque? In: http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2021/04/19/les-drones-nouvelle-arme-de-la-diplomatie-turque/ (Acesso 28/12/2022).

[40] Na sequência de uma visita do Presidente Recep Erdogan a Angola (Outubro de 2021), também foi noticiado o interesse angolano na aquisição de drones turcos. Cf. "Angola Requested Turkish-Made UAVs, Armored Carriers," *M5 Dergi*, (October 18, 2021), In: https://m5dergi.com/defence-news/erdogan-says-angola-requested-turkish-made-uavs-armored-carriers/ (Acesso em 14/04/2023).

[41] Cf. Pavia, José Francisco. "As Relações Angola – R. P. China". In: Pavia, José Francisco (Coord.) (2011) A Política Externa de Angola no Novo Contexto Internacional, Lisboa: Quid Juris. pp. 7-19.

baseiam-se muito nas teorias monetaristas da Escola de Chicago, mas acabaram por ter uma evolução devido às críticas crescentes e ao fracasso da sua implementação. Mais recentemente as condicionalidades alargaram-se para o campo político e passaram a incluir cláusulas relativas às reformas democráticas, ao respeito pelos direitos humanos e à boa-governação. Todo este "pacote" de medidas ficou então conhecido pelo "Consenso de Washington".

Muitas críticas foram feitas a esta situação, desde logo em África, onde um conjunto muito significativo de países teve que aplicar esta "receita", sob pena de não ter acesso a estas linhas de financiamento e a programas de redução de dívida e ajustamento estrutural. Os países Ocidentais e estas instituições multilaterais foram, assim, acusados de neo-colonialismo e de tentarem impor a visão Ocidental a países com culturas e sociedades muito distintas. Recentemente (Março de 2023) a Vice-Presidente norte-americana, Kamala Harris, foi objecto de inúmeras críticas em África, na sequência da sua visita a três países daquele continente, ao advogar o respeito pelos direitos e práticas da comunidade LGBTQ+.[42] Ora, estas questões são muito sensíveis em muitos países africanos e são muitas vezes usadas como exemplos da "prepotência" e "sobranceria" ocidentais em quererem impor a sua "agenda" relativa às questões identitárias e de género; contrastando flagrantemente com a postura chinesa e, mais recentemente, turca.

Também tem havido críticas recorrentes sobre a forma pouco democrática relativamente ao modo de votação no FMI, onde continua a persistir o princípio do "One dólar, one vote" em vez do princípio consagrado pela igualdade soberana dos Estados do "One State, one vote".[43] Igualmente bastante criticado é o chamado "acordo de cavalheiros" entre os Estados Unidos da América e os países europeus do qual resulta que o presidente do FMI é sempre um europeu (ultimamente tem sido uma europeia!) e o presidente do Banco Mundial é sempre um Norte Americano.[44]

É nestas circunstâncias que a RPChina começa a avançar em África, nomeadamente a partir do novo milénio, com uma postura bastante diferente, concedendo créditos e financiamentos sem preocupações de maior com os

[42] "Ghana´s Speaker Slams US Vice President Kamala Harris For Canvassing Gay Rights". In: https://saharareporters.com/2023/03/29/ghanas-speaker-slams-us-vice-president-kamala-harris-canvassing-gay-rights (Acesso em 30/04/2023).
[43] "How Does The IMF Make Decisions?". In: https://www.imf.org/en/About/Factsheets/Sheets/2022/How-the-IMF-makes-decisions (Acesso em 30/04/2023).
[44] "It´s time to end the gentleman´s agreement – an open letter to the IMF". In: https://www.opendemocracy.net/en/oureconomy/its-time-to-end-the-gentlemans-agreement-an-open-letter-to-the-imf/ (Acesso em 30/04/2023).

"pruridos" Ocidentais, tentando construir uma alternativa ao chamado "Consenso de Washington" por uma política descomplexada e descomprometida que, perceptivelmente, não se preocupa com as questões dos direitos humanos e da boa-governação (pelo menos no sentido em que ela é interpretada pelos Ocidentais). Nascia assim o "Consenso de Pequim", caracterizado pelo respeito pelo princípio da não ingerência nos assuntos internos dos Estados e pela coexistência pacífica. Convém, no entanto, referir, que existe, pelo menos, um condicionalismo político neste relacionamento, que é o respeito pelo princípio de "Uma só China", devendo os países que estabeleçam relações diplomáticas com Pequim, cortar imediatamente os laços que tinham com Taiwan.[45] Tal situação nem sempre é vantajosa para alguns países, como já descrevemos noutra publicação.[46] Porém, na maior parte dos casos, a presença chinesa significou o acesso a produtos mais variados e a mais baixo preço, à construção de infraestruturas absolutamente essenciais ao desenvolvimento desses países, à facilitação de créditos a taxas de juro baixas e sem condicionalidades associadas, à criação de postos de trabalho e oportunidades de negócios e a uma verdadeira alternativa em termos de parceiros de negócios internacionais, podendo hoje em dia os africanos escolherem negociar com quem lhes oferece melhores condições e alternativas.[47]

Como seria de esperar não faltam críticas e objecções a esta situação. Desde logo, a RPChina é acusada de, também ela, prosseguir práticas neo-coloniais, muito semelhantes à dos países Ocidentais, replicando o modelo de comércio em que exporta manufacturas e importa matérias primas e, também, conduzindo muitos países à "armadilha da dívida" de que os países Ocidentais e as instituições de Bretton Woods eram acusados. O caso paradigmático de Angola é sempre referido, dado que Luanda é hoje o maior devedor de Pequim em África, com uma soma próxima dos 45 biliões de dólares.[48] Também a fraca qualidade de algumas infraestruturas construídas

[45] Pavia, José Francisco (2022). "The "Middle Empire" Strikes Back: China in Africa". Apresentada na Journée d´étude, "Global and Regional Powers in Africa", que decorreu em Sciences Po, Grenoble, França, no dia 15 de Abril de 2022. Publicado em Sciences Po Grenoble Blog, em 26 de Abril de 2022. http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2022/04/26/the-middle-empire-strikes-back-china-in-africa/

[46] Pavia, José Francisco (2022). "Rent-seeking elites versus the disempowered: a case study on the divergente interests, on foreign policy, in São Tomé & Príncipe". Occasional Paper Series On Islands and Small States, L-Università ta`Malta, ISSN 1024-6282. Occasional Paper Number: 02/2022. https://www.um.edu.mt/library/oar/bitstream/123456789/99185/1/Rent-seeking%20elites%20versus%20the%20disempowered.pdf

[47] Pavia, José Francisco (2022). "The "Middle Empire" Strikes Back: China in Africa". op. cit.

[48] "Angola é o maior devedor africano à China e dívida deve ser "prioridade global". In: https://expresso.pt/internacional/2023-01-01-Angola-e-o-maior-devedor-africano-

pelos chineses é objecto de críticas e reparos; tal foi o caso de uma ponte no Quénia, em 2017, onde dias depois de ter sido visitada e inspecionada pelo próprio presidente do país, Uhuru Kenyatta, colapsou.[49] Outra situação similar ocorreu na Zâmbia onde uma estrada, que também tinha sido recentemente inaugurada, foi imediatamente destruída pelas chuvas;[50] outro caso, também muito referido, foi a situação do Hospital Geral de Luanda, Angola, construído por uma empresa chinesa e que foi "encerrado devido a problemas de segurança, depois de terem aparecido fendas nas paredes e terem caído tijolos".[51] Situações como as que acabámos de descrever são comuns em África e estão muitas vezes ligadas à falta de controlo, à corrupção e à debilidade das instituições em muitos desses países. Outra questão ligada a esta é a utilização por parte das empresas chinesas de mão de obra importada da China, que levanta questões sobre o facto de retirarem oportunidades de emprego aos locais, baixarem os padrões de qualidade e direitos laborais e, até, de serem fonte de alguns choques culturais. Já existem inclusivamente estudos que estabelecem uma correlação entre o número de expatriados chineses empregados em empreitadas de construção e o facto de os países de acolhimento serem mais ou menos democráticos.[52] Curiosamente, ou não, aponta-se o exemplo do Gana, da Namíbia ou de Cabo Verde (todos classificados como "Livres" no último relatório da Freedom House[53]) onde existe uma quantidade relativamente pequena de mão de obra chinesa; em contraste com países como Angola, Argélia ou Etiópia (classificados como "Não Livres" pelo mesmo relatório) onde a mão de obra chinesa está presente em grande número.

É nestas circunstâncias que vai surgir a Turquia, com o seu modelo específico de relacionamento com os países africanos, a que muitos autores chamaram o "Consenso de Ankara", em alternativa aos anteriores "Consenso de Washington" e "Consenso de Pequim".[54] O "Consenso de Ancara" é um

-a-China-e-divida-deve-ser-prioridade-global-792f76df (Acesso em 07/04/2023).

[49] "A Chinese-built bridge collapsed in Kenya two weeks after it was inspected by the president". In: https://qz.com/africa/1015554/a-chinese-built-bridge-collapsed-in--kenya-two-weeks-after-it-was-inspected-by-the-president (Acesso em 30/04/2023).

[50] "Rains Damage Lusaka-Chirundu road". In: https://www.lusakatimes.com/2009/03/20/rains-damage-lusaka-chirundu-road/ (Acesso em 30/04/2023).

[51] "Hospital Geral de Luanda encerra após quatro anos". In: https://www.bbc.co.uk/portugueseafrica/news/story/2010/07/100706_angolachinahospitallv.shtml (Acesso em 30/04/2023).

[52] "Chinese workers on Africa´s infrastructure projects: the link with host political regimes". In: https://theconversation.com/chinese-workers-on-africas-infrastructure-projects-the-link-with-host-political-regimes-195732 (Acesso em 30/04/2023).

[53] "Global Freedom Status". In: https://freedomhouse.org/explore=-the-map?type-fiw&year=2023 (Acesso em 30/04/2023).

[54] Ver, inter alia, Donelli, Federico (2022) Turkey in Africa. London: Bloomsbury Acade-

modelo conscientemente concebido como uma alternativa ao "Consenso de Washington" de crescimento económico neoliberal com cláusulas de democracia e de respeito pelos direitos humanos e ao "Consenso de Pequim" de crescimento liderado pelo Estado, que valoriza a estabilidade sobre a democracia. A Turquia defende a construção da paz e o empenhamento mútuo e não rejeita o capitalismo. A sua abordagem tem algum significado religioso e utiliza a ajuda como instrumento de política externa. Também se rege pelo princípio da não condicionalidade. Em suma, o modelo turco. Este modelo Turco englobaria também uma narrativa baseada na aproximação e no diálogo Sul-Sul (apesar de a Turquia não ser propriamente um actor do chamado "Sul-Global"); pelo "Humanitarismo", ou seja, uma aproximação a África assente nos princípios da ajuda humanitária, muitas vezes imbuída de significado religioso e, finalmente, no "Terceiro Mundismo", consubstanciada numa crítica à globalização de cariz ocidental e às instituições internacionais como as instituições de Bretton Woods ou a Organização Mundial de Comércio, entre outras.[55] Este novo modelo, ou paradigma, tem sido apresentado como um tertium genus entre os outros já mencionados.

6.1. As cimeiras Turquia-África

Tal como já foi mencionado, a Turquia também aposta na realização de cimeiras periódicas com África, de alguma maneira mimetizando uma prática que já se tornou corrente entre, por exemplo, a RPChina e África, a Rússia e África, a União Europeia e África, os Estados Unidos da América e África, entre outras. A primeira cimeira entre a União Africana e a Turquia, realizada em Istanbul, em 2008, formalizou a "parceria estratégica" entre os dois parceiros e determinou um conjunto de áreas de cooperação que iam desde a cooperação intergovernamental, passando pelo comércio e investimento, até aos laços relativos à segurança e à educação.[56] A segunda cimeira, realizada em Malabo, na Guiné Equatorial, em 2014, abrangeu áreas que já vinham da cimeira anterior e acrescentou outras, como a paz e a segurança, a cultura, o turismo, a transferência de tecnologias, a energia e os transportes e a saúde e os meios de comunicação social. A terceira cimeira, em 2021, regressou a Istanbul, e foi marcada pelo contexto da pandemia Covid-19, pelo reforçar dos laços e acordos anteriormente fixados, por críticas ao modelo Ocidental de relacionamento com África e por promessas de mais comércio, mais investimento e mais bolsas de estudo para estudantes africanos.

---

mic e Aidi, Hisham (2022) Africa and the "Ankara Consensus, In: https://www.policycenter.ma/sites/default/files/2022-03/PB_20-22_Aidi.pdf (Acesso em 26/03/2023).

[55] Cf. Donelli, Federico (2022) op. cit. pp. 126-128.

[56] "Third Africa-Turkey Partnership Summit". In: https://au.int/en/newsevents/20211216/third-africa-turkey-partnership-summit-enhanced-partnership-common-development (Acesso 07/04/2023).



Figura 4. Turkey-Africa Summit
Fonte: https://qantara.de/en/article/turkey-africa-summit-erdogan-scores-made-turkey-points (Acesso em 03/12/2025).

6.2. A aposta na educação, religião e ajuda ao desenvolvimento

A Turquia tem apostado na diferenciação do seu relacionamento com África desenvolvendo uma estratégia de investimento nos sectores da educação, religião e ajuda ao desenvolvimento. No capítulo religioso a Turquia tira partido do facto de muitos países africanos, nomeadamente aqueles que fizeram parte do antigo império Otomano, comungarem a fé islâmica e, assim, a Turquia promove o desenvolvimento de um Islão moderado, a construção de mesquitas e escolas corânicas e vai limitando a influência que Fethullah Gülen e o seu movimento tinham adquirido em vários países africanos.[57] Efectivamente, foi o movimento de Fethullah Gülen (na prática um conjunto de associações islâmicas, meios de comunicação social e instituições de ensino) que, de alguma maneira, abriram caminho para a expansão Turca em África. O governo liderado pelo partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP) usou, na altura, este movimento para se projectar em vários países africanos.[58] Porém, o falhado golpe de Estado em 2016, levou o governo Turco a responsabilizar este movimento por essa iniciativa e, a partir daí, Fethullah Gülen tornou-se o "arqui-inimigo" de Recep Erdogan. Nesse contexto, compreende-se a perseguição e a tentativa de limitação de influên-

[57] "O pensador islâmico que se tornou o arqui-inimigo de Erdogan". In: https://www.dn.pt/mundo/o-pensador-islamico-que-se-tornou-o-arqui-inimigo-de-erdogan-5300861.html (Acesso 07/04/2023).
[58] Nogueira Pinto, Teresa (2021) "Turkey´s strategy for Africa". In: https://www.gisreportsonline.com/r/turkeys-influence-in-africa/ (Acesso 15/04/2023).

cia a que já fizemos referência.[59] A Turquia também tem uma política activa de concessão de bolsas de estudo a estudantes africanos e o seu número tem aumentado significativamente, sendo que hoje existem mais de 60.000 estudantes africanos que frequentam estabelecimentos de ensino turcos.[60] No capítulo da ajuda ao desenvolvimento a Turquia tem-se destacado, nomeadamente no Corno de África (Somália, Sudão, Djibuti e Etiópia), onde no caso específico da Somália já é o principal contribuinte e doador. Avulta, neste campo, a (TIKA) Turkish Cooperation and Coordination Agency, que é a principal agência de ajuda ao desenvolvimento da Turquia, que opera mais de vinte e dois programas de ajuda em toda a África. Também aqui avultam alguns interesses geopolíticos e estratégicos no sentido de contrabalançar a presença de alguns países do Golfo Pérsico, como os Emiratos Árabes Unidos e a Arábia Saudita.[61]



Figura 6. Mesquita Nacional do Ghana
Fonte: Imagem gerada por IA. Plataforma DALL·E 3, em 30 de Janeiro de 2026.

[59] Em Angola, Luanda, o Colégio Esperança Internacional, ligado ao movimento de Fethullah Gülen, foi intempestivamente encerrado pelas autoridades angolanas em Fevereiro de 2017. Também em Moçambique, em Janeiro desse ano, na sequência de uma visita do Presidente Turco, foi pedido o apoio do governo moçambicano para travar o movimento de Gülen, que teria uma rede de escolas muito ampla no país.

[60] "Scholarships attracting African students to Turkey". In: https://thepienews.com/news/turkey-african-student-numbers-grow/ (Acesso 07/04/2023).

[61] Karabektas, Selcan (2022) Quand les puissances du Moyen-Orient exportent leurs rivalités dans la Corne de l´Afrique. In: http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2022/03/15/quand-les-puissances-du-moyen-orient-exportent-leurs-rivalites-dans-la-corne-de-lafrique/ (Acesso 07/04/2023).

6.3. O papel singular da Turkish Airlines

A companhia aérea Turca tem sido um dos factores distintivos na aproximação de Ankara a África. O estabelecimento em Istanbul de um hub de aviação que é um dos maiores do mundo e a crescente expansão da companhia aérea Turca para África são marcas singulares que diferenciam claramente a estratégia Turca da dos outros actores. Com a inauguração, em 2018, do novo aeroporto de Istanbul, que é o mais movimentado da Europa e um dos mais movimentados do mundo, a companhia aérea Turca, tornou-se também uma das maiores do mundo, quer em número de passageiros transportados, quer em número de ligações internacionais.[62] As ligações com África cresceram exponencialmente; passaram de apenas quatro em 2004, (obviamente as ligações com as capitais dos países que fizeram parte do antigo império Otomano: Argel, Cairo, Trípoli e Túnis) para cinquenta e duas em 2019. Também o número de passageiros transportados cresceu de 320.000 para mais de seis milhões em 2019.[63] As ligações directas de praticamente todas as grandes cidades africanas com o principal centro cultural e de negócios Turco torna os incrementos e as visitas de negócios mais simples, as conexões mais rápidas e baratas, aumenta os fluxos turísticos e os fluxos de intercâmbio estudantil, exponencia o comércio e os investimentos, facilita as visitas de responsáveis políticos, culturais, militares e religiosos e acaba por tornar a Turquia num intermediário e entreposto comercial entre a Europa e África.

[62] "Turkish Airlines Becomes The World´s Largest Network Airline". In: https://www.traveldailymedia.com/turkish-airlines-becomes-the-worlds-largest-network-airline/ (Acesso 07/04/2023).

[63] "Inside Turkish Airlines Incredible Africa Growth". In: https://simpleflying.com/inside-turkish-airlines-incredible-africa-growth/ (Acesso 07/04/2023).

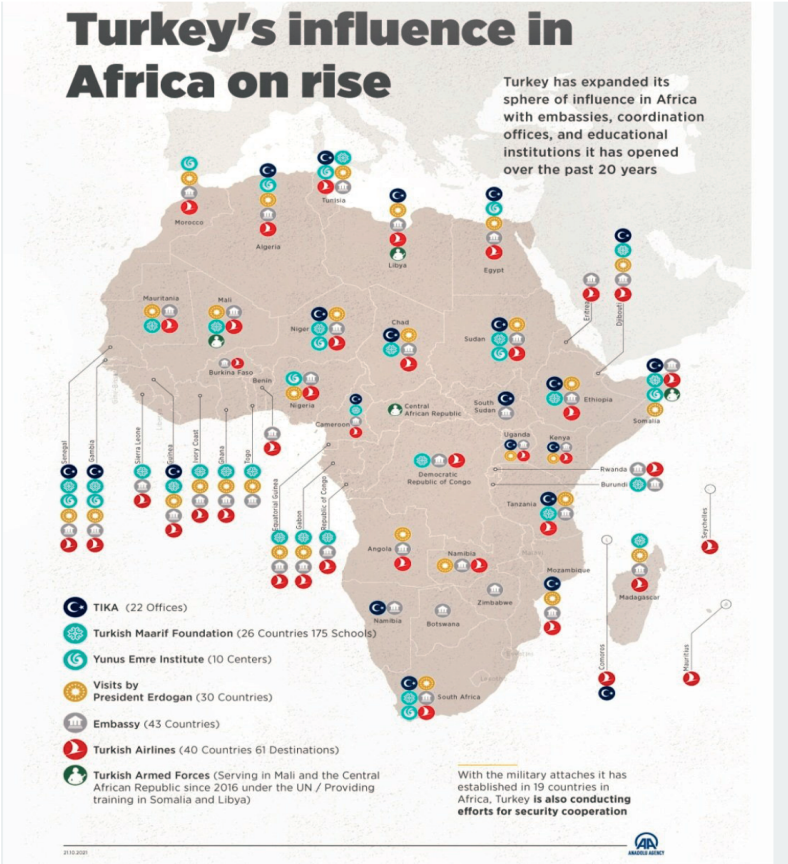


Figura 7. Turkeys influence in Agrica on rise
Fonte: https://x.com/LopesInsights/status/1643360169252749312?lang=bg (Acesso em 03/05/2024).

6.4. O aumento da presença diplomática

Também neste campo a Turquia se tem destacado. Além da organização das cimeiras Turquia-África a que já fizemos referência, Ankara tem apostado num incremento significativo da sua presença no continente africano. O número de embaixadas em África que era somente de doze, em 2002, aumentou para quarenta e quatro, em 2022.64 Também o número de embaixadas de países africanos em Ankara, que era só de dez, em 2008, cresceu para 38, em 2022.65

64 A título de comparação, Portugal tem actualmente 17 embaixadas em África e a França 50.
65 "Turkey-Africa Relations". In: https://www.mfa.gov.tr/turkiye-africa-relations.en.mfa (Acesso 07/04/2023).

A presença diplomática não se esgota só no número de embaixadas; também a presença de inúmeras delegações e instituições Turcas, como a Turkish Cooperation and Coordination Agency (TIKA), a Disaster and Emergency Management Presidency (AFAD), a Yunus Emre Institute, a Turkish Maarif Foundation, a Turkish Religious Foundation ou a Anadolu Agency são testemunho desta aposta e investimento em África.66 A Turquia também tem organizado cursos de formação diplomática para jovens diplomatas de países africanos desde 1992. De então para cá já cerca de 250 diplomatas frequentaram estes cursos, ministrados pela Academia Diplomática do Ministério dos Negócios Estrangeiros Turco.67 Este aumento da presença diplomática acaba por dar frutos, no sentido em que potencia os relacionamentos bilateral e multilateral, cria boas-vontades e facilita o diálogo político, abrindo "portas" para todo um outro conjunto de iniciativas e realizações, como aquelas que temos vindo a descrever.

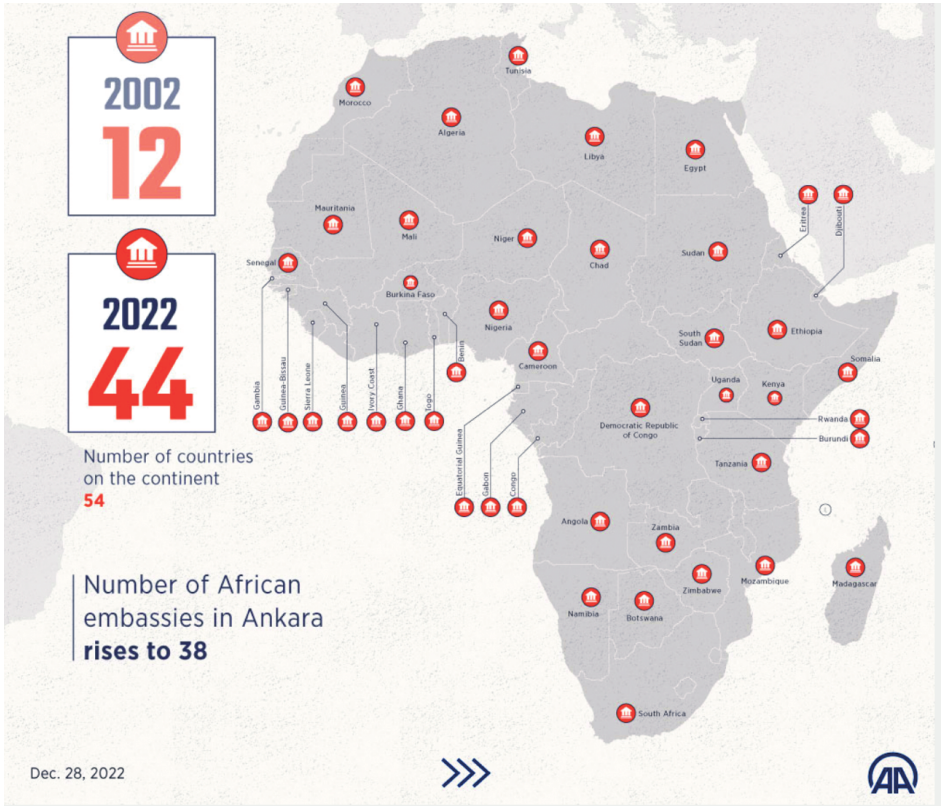


Figura 8. Number of turkish embassies in Africa
Fonte: https://www.insightturkey.com/articles/a-founding-role-in-turkiyes-africa-policy-the-action-plan-for-opening--to-africa (Acesso em 03/12/2025).

66 Idem.
67 Ibidem.

6.5. O lançamento da TRT África

Muito recentemente (Março de 2023) a Turquia, no âmbito da sua diplomacia pública dirigida a África, lançou o canal televisivo de notícias digitais tendo como foco a África.68 Esta iniciativa visa "anunciar a voz da Turquia ao mundo através das organizações internacionais de radiodifusão". A TRT África estará activa em dezenas de países africanos nas línguas francesa, inglesa, suaíli (esta língua africana é falada principalmente na África Oriental, numa área que vai desde o Norte de Moçambique até à Somália) e haúça (é uma das principais línguas autóctones africanas, falada na Nigéria, Níger e em muitos outros países da África Ocidental e Sahel) com a missão de "mostrar a imagem real do continente a todo o mundo". Recorde-se que a TRT já tem um canal de notícias digital em português, onde existe um separador específico para África.[69] Também está prevista a formação de vinte e três jornalistas de dezasseis países africanos. Este esforço enquadra-se nestas iniciativas Turcas dirigidas a África e ombreia com iniciativas semelhantes de França, Portugal, Reino Unido, Estados Unidos da América ou Alemanha.



Figura 9. Türkiye-Africa: win-win partnership
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=1WM-iGF6p_Y (Acesso em 03/12/2025).

7. Conclusões

Pensamos que – numa primeira conclusão parcial - se pode responder afirmativamente à questão que foi colocada no final do capítulo quinto, quando se indagava se a Turquia será um parceiro com o qual definitivamente os

[68] "TRT África vai iniciar a sua emissão nas línguas inglesa, francesa, suaíli e haúça". In: https://www.trt.net.tr/portuguese/africa/2023/03/29/trt-africa-vai-iniciar-a-sua-emissao-nas-linguas-inglesa-francesa-suaili-e-hauca-1966916 (Acesso 08/04/2023).
[69] "TRT Português". In: https://www.trt.net.tr/portuguese/africa (Acesso 08/04/2023).

africanos poderão contar e se, consequentemente, a presença da Turquia em África será um factor estrutural na política internacional. A Turquia é também, embora não o deseje admitir, uma ex-potência colonial em África; enquanto herdeira natural do antigo império Otomano, que teve uma presença muito significativa e duradoura no continente africano, nomeadamente nas suas partes Norte e Oriental. E, por isso, os objectivos turcos acabam por "coincidir", em parte significativa, com os de outros actores em África, nomeadamente as outras ex-potências coloniais. A Turquia acaba por ser, ao mesmo tempo, um novo e um antigo actor em África. Um novo actor porque teve um período de interregno no seu interesse por África, que coincidiu com o fim do império Otomano e com a sua progressiva substituição pelas potências coloniais europeias, até ao relançamento da sua nova política externa, cunhada precisamente de Neo-Otomanismo, já no início deste século. Um antigo actor, porque verdadeiramente se trata de um "regresso", obviamente agora em novos moldes, mas definitivamente um "regresso" àquilo que eram as áreas que tinham estado sob o domínio do antigo império Otomano. Os objectivos da Turquia serão então de natureza económica, financeira e comercial, mas conjugados com interesses geopolíticos e geoestratégicos, nas suas tomadas de posição enquanto potência regional, que ambiciona ser um actor global e de mundializar a sua política externa. Como enfatiza Volkan Ipek:[70]

> "No período que se seguiu a 1998, a política externa Turca usou a abertura a África para aumentar o prestígio Turco, bem como assumir um papel liderante na região e no seu desenvolvimento em termos económicos, educativos e culturais. Em conclusão, a decisão de abertura à Africa sub-sahariana foi não apenas uma iniciativa económica, mas também um esforço diplomático de alcance global". (Tradução do autor).

Sendo um membro do G20 (Grupo dos 20),[71] ambiciona também integrar os BRICS (Brasil, Rússia, India, China e Africa do Sul), não deixando de pertencer à NATO e ser um parceiro de diálogo da Organização para a Cooperação de Xangai, prosseguindo uma política externa "em todos os azimutes".[72]

Em termos especificamente políticos, a Turquia consegue congregar no continente africano boas vontades e aliados que lhe permitem, por exemplo, recolher os votos africanos nas suas candidaturas a membro não permanente do Conselho de Segurança (como aconteceu em 2010), ou noutras

[70] Ipek, Voltan (2017) "Turkey´s Foreign Policy Towards Sub-Saharan Africa". In: Ercan, Pinar Gozen (Edit.) (2017) Turkish Foreign Policy. London: Palgrave Macmillan. pp. 232-233.
[71] "About G20". In: https://www.g20.org/en/about-g20/ (Acesso 07/04/2023).
[72] Marcou, Jean (2021) La Turquie en Afrique: une présence tous azimuts. op. cit.

candidaturas, quer institucionais, quer de candidatos individuais Turcos a organizações internacionais. Também vai conseguindo o apoio africano na questão curda e na questão arménia. Por outro lado, abre novas frentes de competição geopolítica, com os países do Golfo Pérsico, no Egipto, na Líbia e na África Oriental.[73]

Quanto à existência, ou não, de uma especificidade Turca, no seu relacionamento com África, o "Consenso de Ankara", parece-nos que – numa segunda conclusão parcial - de facto este relacionamento, até pelo que acabamos de referir nas linhas anteriores, tem algo de singular. Essa singularidade permite-nos contrastar esse "Consenso" com os outros dois (o de Washington e o de Pequim) – como o fizemos no capítulo sexto de forma mais exaustiva – e encontrar diferenças que nos permitem promover a sua autonomia.

Em suma, a presença Turca em África tem tido impactos tanto "positivos" quanto "negativos" na região. Por um lado, a Turquia tem investido em projectos de desenvolvimento económico e social, como a construção de infraestruturas, escolas e hospitais, ajudando a melhorar as condições de vida da população local. Além disso, a presença Turca em África também tem ajudado a promover a cooperação económica entre os países da região e a Turquia. Por outro lado, a presença Turca no continente africano também tem sido criticada por supostamente levar a uma exploração económica da região, além de perpetuar relações de poder desiguais entre os países. Alguns argumentam que a presença Turca em África pode levar a uma perda de autonomia política e económica dos países africanos. Tem-se notado, especialmente nos últimos anos, que a Turquia se tem tornado num importante fornecedor de armas a países africanos, como já atrás foi referido. Esta situação pode fazer perigar a imagem da Turquia em África cujas políticas até agora se tinham pautado pelo uso do Soft Power e que agora ao abraçar os campos estratégico e militar se voltam para o Hard Power.[74] A intervenção no conflito da Líbia ou, mais recentemente, na guerra civil na Etiópia com vendas de armas a uma das partes é um sintoma dessa eventual mudança de paradigma.[75] Se essa mudança efectivamente se concretizar a Turquia perderá a imagem diferenciadora, na sua relação com os países africanos, que se tem esforçado por construir; passará a ser mais um dos actores internacionais com interesses em África, que também interfere nos assuntos internos desses países e é parcial na aborda-

[73] Karabektas, Selcan (2022) Quand les puissances du Moyen-Orient exportent leurs rivalités dans la Corne de l´Afrique. op. cit.
[74] Karabektas, Selcan (2022) Turkiye as an emerging power in the horn of Africa. Lusíada. Política Internacional e Segurança, (21-22), 9–30. https://doi.org/10.34628/nnwr-kk51
[75] Marcou, Jean (2022) Turkey, a New African Power. OrientXXI, Diplomacy. In: https://orientxxi.info/magazine/turkey-a-new-african-power,5310 (Acesso 08/04/2023).

gem aos conflitos regionais.[76] Assim, é importante avaliar cuidadosamente os impactos da presença Turca em África e procurar equilibrar os benefícios económicos e financeiros – nomeadamente com a venda de armas – com a preservação da autonomia política e da soberania dos países africanos.

Aparentemente, de acordo com Federico Donelli,[77] a Turquia terá encetado uma nova fase da sua política africana a partir de 2017; precisamente o ano seguinte à fracassada tentativa de golpe de Estado e também o da revisão constitucional que reforçou consideravelmente os poderes presidenciais, como já observámos atrás. Assim, vamos assistindo a uma progressiva substituição do Soft Power pelo Hard Power, consubstanciada na crescente influência do "complexo militar-industrial" Turco e nas decisões tomadas por Erdogan e o seu círculo mais próximo, que paulatinamente estão a transformar a natureza inicial do relacionamento Turco com África. As exportações da indústria de armamento Turca para África têm aumentado significativamente, quer em quantidade, quer em diversidade. Já não são só drones (os famosos Bayraktar TB2), nem apenas para um número reduzido de países, como indicámos anteriormente; veículos blindados, equipamento naval, helicópteros e armas de assalto, entre outros equipamentos, fazem hoje parte do "cardápio" que a Turquia tem para exportar, e fá-lo para um crescente número de países, entre os quais, a Gâmbia, o Senegal, o Mali, o Níger, o Quénia, o Uganda, a Costa do Marfim e a Etiópia, entre outros, sendo que Angola e a Nigéria também já mostraram interesse.

O autor citado[78] punha em equação se esta transformação da política externa Turca para África seria estrutural ou, se pelo contrário, poderia apenas ser conjuntural; adiantava que a resposta poderia ser dada pelo desfecho das recentes eleições Turcas (Maio de 2023) – que o autor não conhecia na altura da publicação do artigo – mas, que nós agora já conhecemos. Tudo indica que a vitória de Erdogan prenuncia que esta viragem da política externa Turca para África terá vindo para ficar e que o Hard Power também já faz parte deste novo "Consenso de Ankara", sendo esta a terceira conclusão a retirar.

[76] Karabektas, Selcan (2022) Turkiye as an emerging power in the horn of Africa. op. cit.
[77] Donelli, Federico (2023) "From humanitarianism to drones: the pragmatic flexibility of Turkey´s policy toward Sub-Saharan Africa". In: Poliarchie/Polyarchies, vol. 6, 1/2023, pp. 4-21.
[78] Donelli, Federico (2023) op. cit.



Figura 10. Turkish African relations past, present and future
Fonte: https://uwidata.com/24443-turkish-african-relations-past-present-and-future/ (Acesso em 03/12/2025).

Referências

A Chinese-built bridge collapsed in Kenya two weeks after it was inspected by the president. In: https://qz.com/africa/1015554/a-chinese-built-bridge-collapsed-in-kenya-two-weeks-after-it-was-inspected-by-the-president (Acesso em 30/04/2023).

About G20. In: https://www.g20.org/en/about-g20/ (Acesso 07/04/2023).

AL RAISI, Lara (2023) Ottomania. Paris: Éditions Erick Bonnier.

AIDI, Hisham (2022) Africa and the "Ankara Consensus, In: https://www.policycenter.ma/sites/default/files/2022-03/PB_20-22_Aidi.pdf (Acesso em 26/03/2023).

Angola Requested Turkish-Made UAVs, Armored Carriers, *M5 Dergi*, (October 18, 2021), In: https://m5dergi.com/defence-news/erdogan-says-angola-requested-turkish-made-uavs-armored-carriers/ (Acesso em 14/04/2023).

Angola é o maior devedor africano à China e dívida deve ser "prioridade global". In: https://expresso.pt/internacional/2023-01-01-Angola-e-o-maior-devedor-africano-a-China-e-divida-deve-ser-prioridade-global-792f76df (Acesso em 07/04/2023).

BECHEV, Dimitar (2022) Turkey Under Erdogan. New Haven and London: Yale University Press.

Chinese workers on Africa´s infrastructure projects: the link with host political regimes". In: https://theconversation.com/chinese-workers-on-africas-infrastructure-projects-the-link-with-host-political-regimes-195732 (Acesso em 30/04/2023).

COSTA E SOUSA, Luís (2008) Campanha da Etiópia, 1541-1543. 400 Portugueses em socorro do Preste João. Lisboa: Tribuna da História.

DAVUTOGLU, Ahmet (2008) "Turkey's Foreign Policy Vision: An Assessment of 2007", Insight Turkey, Vol,10, N. 1, pp. 77-96. [Online] Available at: http://file.setav.org/Files/Pdf/ahmet-davutoglu-turkeys-foreign-policy-vision-an-assessment-of-2007.pdf (Acesso 29/12/2022).

DOGAN, Ahmet (2021) Berlin West African Conference 1884-1885 and the Ottoman Empire. Master Dissertation submitted to the Graduate School of Social Sciences of Middle East Technical University. Ankara: s.e.

DONELLI, Federico (2022) Turkey in Africa. London: Bloomsbury Academic.

DONELLI, Federico (2023) "From humanitarianism to drones: the pragmatic flexibility of Turkey´s policy toward Sub-Saharan Africa". In: Poliarchie/Polyarchies, vol. 6, 1/2023, pp. 4-21. DOI: 10.13137/2611-2914/35188.

Eleições presidenciais e legislativas podem trazer surpresas na Turquia. In: https://www.rfi.fr/pt/mundo/20230510-eleições-presidenciais-e-legislativas-podem-trazer-surpresas-na-turquia (Acesso em 12 de Maio de 2023).

Erdogan: Niger´s Suspension of Uranium Export Is "Response to France´s Oppression". In: https://www.moroccoworldnews.com/2023/08/356882/erdogan-nigers-suspension-of-uranium-export-is-response-to-frances-oppression (Acesso 05/08/2023).

ESTIVAL, Jean-Pierre (2021) La Guerre du Gaz en Méditerranée: Géopolitique du Partage de la Mer. Paris: L´Harmattan.

FAROQUI, Suraiya (2004) The Ottoman Empire and the world around it. New York: I.B. Tauris.

France says blunt "non" to Turkey. In: https://www.france24.com/en/20110225-france-sarkozy-gul-turkey-eu-hopes (Acesso em 11/05/2023).

- "France-Turkey Dispute Grows Over Cartoons and Influence in Africa". In: https://www.voanews.com/a/europe_france-turkey-dispute-grows-over-cartoons-and-influence-africa/6197727.html (Acesso 07/04/2023).
- "Freedom in the World 2023 – Turkey". In: https://freedomhouse.org/explore-the-map?type=fiw&year=2023&country=TUR (Acesso 07/04/2023).
- "Ghana´s Speaker Slams US Vice President Kamala Harris For Canvassing Gay Rights". In: https://saharareporters.com/2023/03/29/ghanas-speaker-slams-us-vice-president-kamala-harris-canvassing-gay-rights (Acesso em 30/04/2023).

GLASER, Antoine e Pascal, Airault (2023) Le Piège Africain de Macron – Du continente à l´Hexagone. Paris: Pluriel.

- "Global Freedom Status". In: https://freedomhouse.org/explore=-the-map?type-

fiw&year=2023 (Acesso em 30/04/2023).
- "Guiné-Bissau: "Há políticos que tentam transformar o país num estado islâmico", denuncia director da rádio da igreja". In: https://www.fundacao-ais.pt/pt/noticias/noticias1-guine-bissau---ha-politicos-que-tentam-transformar--o-pais-num-estado-islamico--denuncia-director-da-radio-da-igreja/ (Acesso 15/04/2023).

Hospital Geral de Luanda encerra após quatro anos. In: https://www.bbc.co.uk/portugueseafrica/news/story/2010/07/100706_angolachinahospitallv.shtml (Acesso em 30/04/2023).

How dependent is France on Niger´s uranium? - In: https://www.lemonde.fr/en/les-decodeurs/article/2023/08/04/how-dependent-is-france-on-niger-s-uranium_6080772_8.html (Acesso 05/08/2023).

How Does The IMF Make Decisions?. In: https://www.imf.org/en/About/Factsheets/Sheets/2022/How-the-IMF-makes-decisions (Acesso em 30/04/2023).

INALCIK, Halil et al (1997) An Economic and Social History of the Ottoman Empire, 1300-1914. Cambridge: Cambridge University Press.

Inside Turkish Airlines Incredible Africa Growth. In: https://simpleflying.com/inside--turkish-airlines-incredible-africa-growth/ (Acesso 07/04/2023).

IPEK, Voltan (2017) "Turkey´s Foreign Policy Towards Sub-Saharan Africa". In: Ercan, Pinar Gozen (Edit.) (2017) Turkish Foreign Policy. London: Palgrave Macmillan.

It´s time to end the gentleman´s agreement – an open letter to the IMF. In: https://www.opendemocracy.net/en/oureconomy/its-time-to-end-the-gentlemans-agreement-an-open-letter-to-the-imf/ (Acesso em 30/04/2023).

KABOĞLU, İbrahim (2017) "Turquie: Suppression Du Regime Parlementaire Sous l'état d'urgence (des Remarques préliminaires Sur La Modification Constitucionnelle "approuvée" Par Le référendum Du 16 Avril 2017)", Lusíada. Política Internacional E Segurança, n. 13-14 (Setembro). Lisboa:133-52. In: http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/lpis/article/view/2436 (Acesso em 12 de Maio de 2023).

KALIBER, Alper (2013) The Post-Cold War Regionalisms of Turkish Foreign Policy. [Online] Available at: (2) (PDF) Kaliber, Alper. "The Post-Cold War Regionalisms of Turkish Foreign Policy." Journal of Regional Security 8:1 (2013): 25-48. | Journal of Regional Security - Academia.edu (Acesso 27/12/2022).

KARABEKTAS, Selcan (2022) Quand les puissances du Moyen-Orient exportent leurs rivalités dans la Corne de l´Afrique. In: http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2022/03/15/quand-les-puissances-du-moyen-orient-exportent-leurs-rivalites-dans-la-corne-de-lafrique/ (Acesso 07/04/2023).

KARABEKTAS, Selcan (2022) "Turkiye as an emerging power in the horn of Africa". Lusíada. Política Internacional E Segurança, (21-22), 9–30. https://doi.org/10.34628/nnwr-kk51

KINROSS, Lorde (2022) Os Séculos Otomanos – Ascensão e Queda do Império Turco. Silveira: Bookbuilders.

MALEKANDATHIL, Pius (2010) Maritime India: Trade, Religion and Polity in the Indian Ocean. New Delhi: Primus Books.

MARCOU, Jean (2021) La Turquie en Afrique: une présence tous azimuts. In: https://information.tv5monde.com/afrique/la-turquie-en-afrique-une-presence-tous-azimuts-428937 (Acesso 28/12/2022).

MARCOU, Jean (2021) Les drones, nouvelle arme de la diplomatie turque? In: http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2021/04/19/les-drones-nouvelle-arme-de-la-diplomatie-turque/ (Acesso 28/12/2022).

MARCOU, Jean (2022) Turkey, a New African Power. OrientXXI, Diplomacy. In: https://orientxxi.info/magazine/turkey-a-new-african-power,5310 (Acesso 08/04/2023).

MARTINEZ, Luis (2023) L´Afrique, Le Prochain Califat? Paris: Tallandier.

MINAWI, Mostafa (2016) The Ottoman Scramble for Africa – Empire and Diplomacy in the Sahara and the Hijaz. Stanford, California: Stanford University Press.

NOGUEIRA PINTO, Teresa (2021) "Turkey´s strategy for Africa". In: https://www.gisreportsonline.com/r/turkeys-influence-in-africa/ (Acesso 15/04/2023).

O pensador islâmico que se tornou o arqui-inimigo de Erdogan. In: https://www.dn.pt/mundo/o-pensador-islamico-que-se-tornou-o-arqui-inimigo-de-erdogan-5300861.html (Acesso 07/04/2023).

Os novos parceiros estratégicos de Angola e a posição de Portugal. In: https://www.cedesa.pt/2021/10/29/os-novos-parceiros-estrategicos-de-angola-e-a-posicao-de-portugal/ (Acesso 07/04/2023).

PAVIA, José Francisco (2023) "The West and the Rest: The Global South Challenging the International Liberal Order", Blog Sciences Po Grenoble, em 22 de Abril de 2023. http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2023/04/22/the-west-and-the-rest-the-global-south-challenging-the-international-liberal-order/

PAVIA, José Francisco (2022). "Rent-seeking elites versus the disempowered: a case study on the divergent interests, on foreign policy, in São Tomé & Príncipe", Occasional Paper Series On Islands and Small States, L-Università ta`Malta, ISSN 1024-6282. Occasional Paper Number: 02/2022. https://www.um.edu.mt/library/oar/bitstream/123456789/99185/1/Rent-seeking%20elites%20versus%20the%20disempowered.pdf

PAVIA, José Francisco (2022). "The "Middle Empire" Strikes Back: China in Africa". Apresentada na Journée d´étude, "Global and Regional Powers in Africa", que decorreu em Sciences Po, Grenoble, França, no dia 15 de Abril de 2022. Publicado em Sciences Po Grenoble Blog, em 26 de Abril de 2022. http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2022/04/26/the-middle-empire-strikes-back-china-in-africa/

PAVIA, José Francisco (2021) "La réception de la Constitution Turque de 1921 par les constitutionnalistes dans le monde Lusophone", Polis, N. 4 (II Série), Julho-Dezembro 2021, pp-57-62. DOI: https://doi.org/10.34628/hf80-5173

PAVIA, José Francisco. "As Relações Angola – R. P. China". In: Pavia, José Francisco (Coord.) (2011) A Política Externa de Angola no Novo Contexto Internacional, Lisboa: Quid Juris.

PEREIRA, Edgar Cravo Bertrand. Calecute e Porto Seguro: a génese da pluricontinentalidade. In: Fiolhais, Carlos e Franco, José Eduardo e Paiva, José Pedro (Dir.) (2020) História Global de Portugal, Lisboa: Temas e Debates,

Rains Damage Lusaka-Chirundu road". In: https://www.lusakatimes.com/2009/03/20/rains-damage-lusaka-chirundu-road/ (Acesso em 30/04/2023).

SARKOZY, Nicolas (2023) Le Temps Des Combats. Paris: Fayard.

Scholarships attracting African students to Turkey". In: https://thepienews.com/news/turkey-african-student-numbers-grow/ (Acesso 07/04/2023).

SOULÉ, Folashadé (2020) "Africa+1" summit diplomacy and the "new scramble" narrative: Recentering African agency, African Affairs, Volume 119, Issue 477, October 2020, pp. 633-646. In: https://academic.oup.com/afraf/article/119/477/633/5851108 (Acesso 27/12/2022).

- "Third Turkey-Africa Partnership Summit delivers win-win agreements". In: https://african.business/2021/12/trade-investment/turkey-africa-partnership-summit-set-for-17-18-december/ (Acesso 28/12/2022).

Third Africa-Turkey Partnership Summit. In: https://au.int/en/newsevents/20211216/third-africa-turkey-partnership-summit-enhanced-partnership-common-development (Acesso 07/04/2023).

- "TRT África vai iniciar a sua emissão nas línguas inglesa, francesa, suaíli e haúça". In: https://www.trt.net.tr/portuguese/africa/2023/03/29/trt-africa-vai-iniciar-a-sua-emissao-nas-linguas-inglesa-francesa-suaili-e-hauca-1966916 (Acesso 08/04/2023).
- "TRT Português". In: https://www.trt.net.tr/portuguese/africa (Acesso 08/04/2023).
- "Turkey-Africa Relations". In: https://www.mfa.gov.tr/turkiye-africa-relations.en.mfa (Acesso 07/04/2023).
- "Turkey´s Erdogan is scoring points in Africa". In: https://www.dw.com/en/turkeys-erdogan-is-scoring-points-in-africa/a-60174019 (Acesso 27/12/2022).

- "Turkish Airlines Becomes The World´s Largest Network Airline". In: https://www.traveldailymedia.com/turkish-airlines-becomes-the-worlds-largest-network-airline/ (Acesso 07/04/2023).
- "Why the EU loves Erdogan". In: https://www.politico.eu/article/turkey-why-the-eu-loves-recep-tayyip-erdogan-elections/ (Acesso em 11/05/2023).

José Francisco Pavia

TÜRKIYE IN AFRICA

A Turquia em África

(Bilingual edition /Edição bilingue)

Table of contents

1. Introduction 43

2. The historical ties between the Ottoman Empire and Africa 43

2.1. Two empires collide: Ottomans and Portuguese in the Red Sea and East Africa 44

3. From alignment with the West to neo-Ottoman ambitions 46

4. Ottomanism and multidimensional foreign policy 48

5. The new "Great Game" in Africa 50

6. The "Ankara Consensus" 56

6.1. The Turkey–Africa Summits 58

6.2. The focus on education, religion and development aid 60

6.3. The unique role of Turkish Airlines 61

6.4. The expansion of diplomatic presence 63

6.5. The launch of TRT Africa 65

7. Conclusions 66

References 69

Note: This book corresponds, in essence, to the lecture presented during the Habilitation examinations, in the scientific field of Social Sciences, speciality in Global Studies, held at Universidade Aberta in July 2024. Some small sections had already been published on other platforms. This English translation resulted from the Portuguese version and was carried out using the artificial intelligence tool ChatGPT and the DeepL translator.

Abstract: Turkey's advances in Africa have been significant. Ankara does not want to be left out of the new "power game" unfolding on the continent. Some authors even refer to the emergence of an "Ankara Consensus", in contrast to the Washington Consensus and the Beijing Consensus. Will Turkey be able to pursue these ambitious aims within the framework of its neo-Ottoman policy? Are these goals coherent? In this book, we will attempt to answer these and other questions.

Keywords: Turkey, Africa, Ankara Consensus, Neo-Ottomanism, Competition.

1. Introduction

Turkish foreign policy, since it seemingly abandoned the hope of joining the European Union, has acquired a new alignment and a new ambition. Considering itself the natural heir of the former Ottoman Empire, Turkey now pursues a foreign policy of variable geometry that stretches from the former Soviet republics of Central Asia (some of them with linguistic and historical affinities, such as Turkmenistan and Azerbaijan), through the Arab world, the Balkans, and reaching Africa. Here, it will compete with traditional players such as the European Union, the United States of America and, more recently, the People's Republic of China, among others. Will it be able to make a difference? Apparently – and according to the results of the latest Turkey–Africa Summit – the short-term prospects appear to be very positive.

2. Historical ties between the Ottoman Empire and Africa

The Ottoman Empire, which lasted from the early fourteenth century

until the beginning of the twentieth century, was a major global power that had a significant impact on various world regions, including Africa. The Empire's ties with Africa date back to its earliest phases and continued throughout its history until its collapse at the end of the First World War.[1] Ottoman interest in Africa began with its expansion into Egypt in 1517. The Ottomans regarded Egypt as a vital gateway for trade with the rest of Africa and with the Indian Ocean. They also expanded their presence along the African coast, establishing trading posts and fortresses in regions such as Tunisia, Algeria, Egypt, Sudan and Libya. These efforts granted the Ottomans considerable influence in North Africa, which they maintained for several centuries.[2] One of the most significant cultural links between the Ottomans and the African continent was through Islam. Islam formed a central part of Ottoman identity, and the Ottomans were committed to spreading the religion throughout the world. In Africa, the Ottoman Empire played a key role in spreading Islam, building mosques and madrassas (Qur'anic schools), and sending Muslim scholars and preachers to the continent. As a result, Islam became an essential part of many African cultures, particularly in North and East Africa.

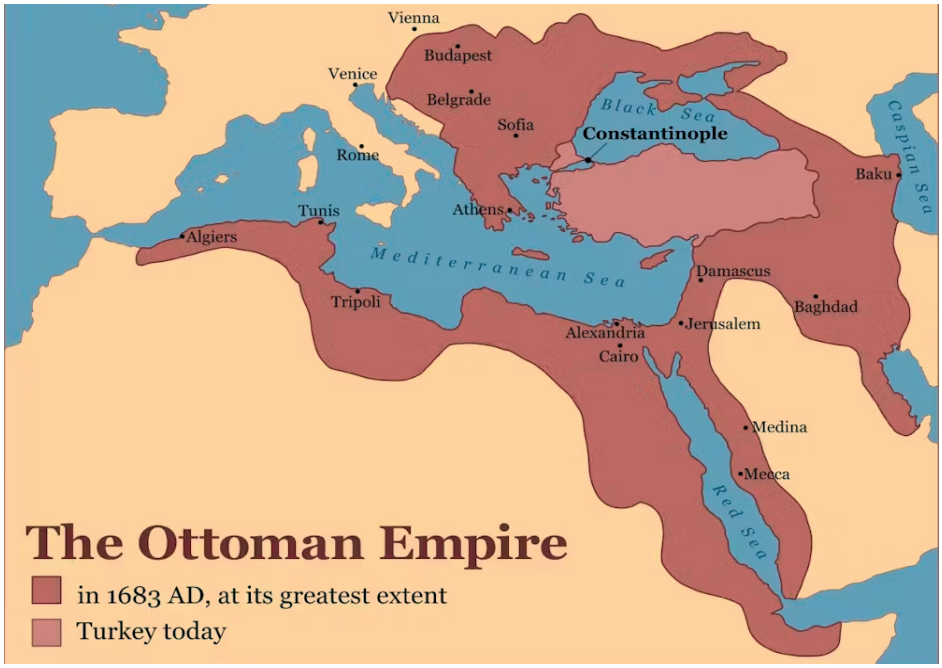


Figure 1. The Ottoman Empire
Source: https://theconversation.com/five-things-you-need-to-know-about-the-ottoman-empire-192137 (Accessed on 03/12/2025).

[1] Cf. Minawi, Mostafa (2016) The Ottoman Scramble for Africa – Empire and Diplomacy in the Sahara and the Hijaz. Stanford, California: Stanford University Press.
[2] Cf. Kinross, Lorde (2022) Os Séculos Otomanos – Ascensão e Queda do Império Turco. Silveira: Bookbuilders.

The Ottoman Empire also had an important economic impact on Africa. Ottoman merchants established extensive trade networks across the continent, especially in North Africa. They traded goods such as textiles, spices, and gold, facilitating the exchange of ideas and technologies between Africa and the Empire. The Ottomans also established a slave-trade network that involved capturing and transporting African slaves to the Ottoman Empire, where they were used as domestic workers and soldiers (mamelukes).

By the nineteenth century, Ottoman influence in Africa began to decline as European powers started colonising the continent. Still, it is important to recall that the Ottoman Empire was represented at the Berlin Conference (1884–1885) as one of the interested powers in the "scramble" for Africa.

Modern Turkish narratives often claim that the Ottoman Empire was not a colonial power like the others — a claim that lacks historical basis:[3]

> "(...) The reality is that Ottoman diplomats were in Berlin in 1884 (...) They were there to represent the Empire as one of the powers deciding the rules that led to the division of Africa (...) They fought for what they believed to be their 'sphere of influence' in Africa."

The sovereign of the Sublime Porte at the time was Abdulhamid II, and Ottoman representation at the conference was entrusted to Mehmed Said Pasha and Ohan Efendi.[4] The Empire did not obtain favourable results at Berlin, managing only to secure articles safeguarding religious freedom to protect Muslim populations in Africa.[5]During this period, European powers such as Britain, Germany, Italy and France established colonies, protectorates and spheres of influence in North Africa. By the early twentieth century, after its defeat in the First World War, the Ottoman Empire had lost all its African territories. Algeria was occupied by France in 1830; Tunisia followed in 1881; Egypt fell under British control in 1882; Sudan was conquered by Britain in 1898; and Tripolitania was taken by Italy in 1911.

Today, the surviving ties of the former Ottoman presence in Africa are mainly cultural and historical. Many African countries — particularly in North and East Africa — have significant Muslim populations and maintain cultural connections to the Ottoman legacy. In recent years, renewed scholarly interest has emerged on Ottoman influence in Africa, including its role in spreading Is-

[3] Cf. Minawi, Mostafa (2016) op. cit. p. 8.
[4] Dogan, Ahmet (2021) Berlin West African Conference 1884-1885 and the Ottoman Empire. Master Dissertation submitted to the Graduate School of Social Sciences of Middle East Technical University. Ankara: s.e. pp. 4-5.
[5] Idem. p. 95.

lam, in the slave trade, and in shaping the continent's historical development.[6]

The Ottoman Empire's interactions with Africa thus left a lasting legacy still felt today. Its economic, cultural and political engagements helped shape African history and remain subjects of study and debate.[7] Modern Turkey sees itself as the natural heir of the Ottoman Empire. Although the African continent was long absent from the main vectors of Turkey's foreign policy, it has now resurfaced as a core dimension of contemporary Turkish diplomacy. Unsurprisingly, Turkey's strongest interests and presence are today found in the eastern and northern parts of Africa — precisely the regions where Ottoman influence endured the longest. Historical, cultural and religious ties now combine with economic, geopolitical and geostrategic objectives to frame Turkey's renewed engagement with the continent.

2.1. Two Empires Collide: Ottomans and Portuguese in the Red Sea and East Africa

In the mid-sixteenth century, the Portuguese presence in India, East Africa, the Persian Gulf and the Red Sea threatened the Ottoman Empire both geopolitically and economically. Militarily, by opening the maritime route to India in 1498, the Portuguese had effectively flanked the Ottoman Empire, creating a new front of confrontation across the Indian Ocean and East Africa. The Christians were now present not only in the Mediterranean but also in the Indian Ocean, directly threatening the Ottoman rear and the lucrative trade routes of the Red Sea, the Gulf of Aden, the Persian Gulf and the Indian Ocean.

As Edgar Pereira notes:[8]

> "After Vasco da Gama's voyage, a transcontinental artery had been opened linking the two ends of Eurasia through the passage of the Cape of Good Hope, via the so-called Cape Route. From then on, the dependence of the European Atlantic economies on the intermediaries of the Mediterranean and the Levant — to acquire Asian goods — was overcome. (…) The Portuguese Crown's navios da linha ensured the intercontinental transport of spices, textiles, porcelain, ceramics, precious stones, cowries and saltpetre."

[6] Ver, inter alia, Kinross, Lorde (2022) op. cit.; Minawi, Mostafa (2016) op. cit. e Faroqui, Surai-ya (2004) The Ottoman Empire and the world around it. New York: I.B. Tauris.

[7] Inalcik, Halil et al (1997) An Economic and Social History of the Ottoman Empire, 1300-1914. Cambridge: Cambridge University Press.

[8] Pereira, Edgar Cravo Bertrand (2020) Calecute e Porto Seguro: a génese da pluricontinenta-lidade. In: Fiolhais, Carlos e Franco, José Eduardo e Paiva, José Pedro (Dir.) (2020) História Global de Portugal, Lisboa: Temas e Debates, pp. 329-334.



Figure 2. Portuguese colonial enterprise
Source: https://selfstudyhistory.com/2015/01/26/portuguese-colonial-enterprise/ (Accessed on 03/12/2025).

Within this context, Süleyman the Magnificent (1520–1566) ordered fleets into the Red Sea to confront the Portuguese, while King João III of Portugal (1521–1557) responded by establishing alliances with local powers in India and Abyssinia. Economically, the Portuguese had delivered a severe blow to Ottoman finances, since the spice trade shifted from the land route through the Arabian Peninsula to a maritime route circumnavigating Africa and arriving in Lisbon.[9] Süleyman even sent a letter to King João III proposing the direct purchase of pepper and other spices to be delivered to the Ottoman governor of Aden:[10]

> "In this changed situation, Suleiman the Magnificent proposed to the Portuguese King D. João III — in a letter dated 28 May 1544 — that he was willing to buy 2,000 kilograms of pepper and other spices from the Portuguese to be delivered to the Ottoman governor in Aden. This request may have been made to ensure the regular supply of spices in the Mediterranean and to sustain Venetian trade. Yet this plan never materialised."

The confrontation between Ottomans and Portuguese in East Africa unfolded mainly in the Horn of Africa and the coasts of the Red Sea. The Suez

[9] Cf. Kinross, Lorde (2022) op. cit. pp. 255-293.
[10] Malekandathil, Pius (2010) Maritime India: Trade, Religion and Polity in the Indian Ocean. New Delhi: Primus Books. p. 120.

campaign (1541), led by Estêvão da Gama, sought to destroy the Ottoman fleet but failed to achieve this goal. Nevertheless, it reached Massawa (in present-day Eritrea), responding to an appeal from the Christian Empire of Ethiopia (the famous Prester John), which was under attack from Islamic forces linked to the Ottomans. This Ethiopian campaign (1541–1543) involved several battles, one of which — the Battle of Wofla — saw the defeat of the Portuguese and their allies, with Cristóvão da Gama (brother of Estêvão, both sons of Vasco da Gama) captured and later executed. However, the Ethiopian forces and their Portuguese allies managed to regroup and won the decisive Battle of Wayna Daga, ending the war and ensuring the continuity of the Christian Kingdom of Ethiopia.[11] This long confrontation between the Portuguese and Ottoman empires would, in a sense, have its epilogue at the Battle of Alcácer Quibir in 1578, where the young Portuguese king Dom Sebastião was defeated and killed. This event triggered the subsequent Iberian Union and the loss of Portugal's independence until its restoration in 1640.

At Alcácer Quibir, Portuguese forces again faced armies allied with the Ottoman Empire, which already dominated all of North Africa except Morocco. Dom Sebastião's objective had been precisely to prevent this outcome, especially since the Ottomans had reconquered Tunis in 1574. History's irony lies in the fact that although the Ottomans had lost to the Portuguese the lucrative spice trade and key positions in the Indian Ocean, the Persian Gulf and East Africa, they now found themselves — in North Africa and on the threshold of the Atlantic — avenged.

3. From alignment with the West to neo-Ottoman ambitions

Since the founding of the Republic in 1923 under Mustafa Kemal Atatürk, Turkey chose a path oriented towards Westernisation. This process began with the 1921 Constitution — whose centenary was recently commemorated (2021) — and which opened the way for the institutionalisation of the modern Turkish state.[12] The transition was not peaceful: the Turks waged what they called the "War of Independence", which led to the Treaty of Lausanne (1923), securing international recognition of the new Republic. It is important to recall that, following defeat in the First World War, the Ottoman Empire, under the Treaty of Sèvres (1920), had been forced to cede territory, accept foreign spheres of influence and agree to the creation of a Kurdish state. These terms — deemed unacceptable by Turkish national-

[11] Costa e Sousa, Luís (2008) Campanha da Etiópia, 1541-1543. 400 Portugueses em socorro do Preste João. Lisboa: Tribuna da História.

[12] Pavia, José Francisco (2021) "La réception de la Constitution Turque de 1921 par les consti-tutionnalistes dans le monde Lusophone", Polis, N. 4 (II Série), Julho-Dezembro 2021, pp-57-62. DOI: https://doi.org/10.34628/hf80-5173

ists — triggered the War of Independence, culminating in the much more favourable Treaty of Lausanne.[13]



Figure 3. Treaty of Lausanne
Source: https://en.wikipedia.org/wiki/Treaty_of_Lausanne#/media/File:Turkey-Greece-Bulgaria_on_Treaty_of_Lausanne.png (Accessed on 03/12/2025).

This Westernising policy endured throughout the twentieth century. Turkey remained neutral during the Second World War until February 1945, when it joined the Allies — which granted it an invitation to the inaugural session of the United Nations. In 1949, Turkey recognised the State of Israel, further signalling its alignment with the West, much to the dissatisfaction of its Arab neighbours.

In 1952, Turkey became a member of NATO; and in 1963, its request to join the European Economic Community was accepted following the signing of the Ankara Agreement.[14]

Throughout the Cold War, Turkey was a valuable Western ally in containing the Soviet Union, acting as a bridge between Europe and Asia, and between Islam and Christianity. However, after the Cold War ended, Turkey lost much of its geostrategic relevance to the West. Moreover, among Turkish elites

[13] Here is an interesting summary by Father Manuel Antunes about this period:: Antunes, Manuel (2008) Obra Completa do Padre Manuel Antunes, Tomo III, Política e Relações Inter-nacionais, Vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 324-336.

[14] Davutoglu, Ahmet (2008) "Turkey's Foreign Policy Vision: An Assessment of 2007", Insight Turkey, Vol,10, N. 1, pp. 77-96. [Online] Available at: "http://file.setav.org/Files/Pdf/ahmet-davutoglu-turkeys-foreign-policy-vision-an-assessment-of-2007.pdf"http://file.setav.org/Files/Pdf/ahmet-davutoglu-turkeys-foreign-policy-vision-an-assessment-of-2007.pdf (Acessed on 29/12/2022).

— and increasingly within public opinion — it became clear that EU membership was unlikely, especially after Greece joined in 1981 and, crucially, after Cyprus acceded in 2004. Turkey has occupied Northern Cyprus since 1974, and the situation remains unchanged. Nicosia therefore conditions any Turkish accession on a prior resolution of the Cyprus question. This remains highly improbable today: following the discovery of major natural-gas reserves near Cyprus, Turkey has asserted extensive maritime claims that place Ankara in direct contention with Greece and the Republic of Cyprus, among others.[15]

Another decisive factor was the coup de grâce known as the "Sarkozy effect".[16] On 25 February 2011, former French President Nicolas Sarkozy visited Ankara and bluntly declared:

"France is against Turkey's accession to the European Union."[17]

This moment proved a turning point for Erdoğan and strengthened the sense that Turkey no longer had a place within the European project.[18] More recently (September 2023), Sarkozy reaffirmed this stance in his memoir Le Temps des Combats, recalling a meeting with Erdoğan:

"There was serious tension between us, since he rightly considered me the leading opponent of his country's entry into the European Union. I could not hold it against him: it was true."[19]

4. The turn towards neo-Ottomanism

The late 1990s and early 2000s saw the emergence of a new foreign-policy vision, often described as neo-Ottomanism. Even before Erdoğan's rise to power, several leaders had begun to reshape Turkey's international posture.

President Turgut Özal (1989–1993), governing at a time of major global change (the end of the Cold War, the collapse of the USSR, the First Gulf War), advocated greater external activism:

15 Estival, Jean-Pierre (2021) La Guerre du Gaz en Méditerranée: Géopolitique du Partage de la Mer. Paris: L´Harmattan.
16 "Why the EU loves Erdogan". In: "https://www.politico.eu/article/turkey-why-the-eu-loves-recep-tayyip-erdogan-elections/"https://www.politico.eu/article/turkey-why-the-eu-loves-recep-tayyip-erdogan-elections/ (Accessed on 11/05/2023).
17 "France says blunt "non" to Turkey". In: https://www.france24.com/en/20110225-france-sarkozy-gul-turkey-eu-hopes (Accessed on 11/05/2023).
18 "Why the EU loves Erdogan". op. cit.
19 Sarkozy, Nicolas (2023) Le Temps Des Combats. Paris: Fayard. p. 318.

"I am convinced that Turkey must leave behind its previous reluctance and pursue new, active policies."[20]

Later, in 1998, a coalition government led by Prime Minister Mesut Yılmaz redefined Turkey's international role, moving away from its status as a traditional Western ally towards a more globally active posture — a shift that stemmed from the widespread perception that EU membership was blocked.[21]

In 2001, the Justice and Development Party (AKP) was founded by Recep Tayyip Erdoğan and Abdullah Gül. Victorious in the 2002 elections, Erdoğan has since dominated Turkish politics:

- 5 legislative elections
- 3 local elections
- 3 presidential elections (2014, 2018, 2023)
- 3 constitutional referendums (2007, 2010, 2017)

The 2017 referendum transformed Turkey into a presidential system, concentrating executive power in Erdoğan's hands.[22]

Neo-Ottomanism may be described as an attempt to restore aspects of Ottoman grandeur:[23]

- projecting influence across the Arab world, North Africa, the Balkans and Central Asia;
- pursuing Turkish interests regardless of possible contradictions with NATO partners;
- acting as a multi-regional power shaping its own environment.

The principal architect of this worldview was Ahmet Davutoğlu, Foreign Minister (2009–2014) and later Prime Minister (2014–2016). He outlined five pillars of Turkey's new foreign-policy doctrine:

- "Balance between democracy and security — both seen as inseparable.
- Zero problems with neighbours — the most famous principle, though later contradicted in practice.
- Proactive and pre-emptive diplomacy.

[20] Kaliber, Alper (2013) The Post-Cold War Regionalisms of Turkish Foreign Policy. [Online] Available at: (2) (PDF) Kaliber, Alper. "The Post-Cold War Regionalisms of Turkish Foreign Policy." Journal of Regional Security 8:1 (2013): 25-48. | Journal of Regional Security - Aca-demia.edu (Accessed on 27/12/2022).

[21] "Third Turkey-Africa Partnership Summit delivers win-win agreements". In: https://african.business/2021/12/trade-investment/turkey-africa-partnership-summit-set-for-17-18-december/ (Accessed on 28/12/2022).

[22] "Eleições presidenciais e legislativas podem trazer surpresas na Turquia". In: https://www.rfi.fr/pt/mundo/20230510-eleições-presidenciais-e-legislativas-podem-trazer-surpresas-na-turquia (Acesso em 12/05/2023).

[23] Al Raisi, Lara (2023) op. cit. pp. 59-61.

- Multidimensional foreign policy.
- Rhythmic diplomacy — sustained Turkish presence in international fora, aiming for Turkey to be seen not as a "point" but as a "central node".

Domestically, this shift meant a departure from Kemalist secularism, favouring alliances with more conservative Islamic actors. The trend towards authoritarianism intensified dramatically after the failed 2016 coup. Emergency measures were used to suppress freedoms of association, assembly and the press. Freedom House currently classifies Turkey as Not Free.[24]

The 2017 constitutional referendum consolidated a personalised and authoritarian presidential system.[25]

5. The new "Great Game" in Africa

One of the geographical areas that Turkey considers part of its natural sphere of influence is Africa — not only North Africa, formerly under Ottoman rule, but also Sub-Saharan Africa. Turkey is not alone in this renewed interest in the continent, which has been visible since the beginning of the twenty-first century. Many other states have shown similar interest, beyond the traditional powers (the former colonial powers, the United States and, more recently, China).

From Japan, Brazil, Malaysia and Russia to India, an increasing appetite for Africa and its resources has emerged — to the point that comparisons are sometimes made with the late nineteenth century "scramble for Africa" that followed the Berlin Conference of 1884–85. According to Folashadé Soulé, however, this analogy is misleading, because today's situation is entirely different. In the nineteenth century, Africans had virtually no voice, and borders were drawn with rulers and compasses; today, African states can "play" rival powers against one another, benefiting from competition and safeguarding their own interests.[26]

[24] "Freedom in the World 2023 – Turkey". In: https://freedomhouse.org/explore-the-map?type=fiw&year=2023&country=TUR (Accessed on 07/04/2023).

[25] Cf. Kaboğlu, İbrahim (2017) "Turquie: Suppression Du Regime Parlementaire Sous l'état d'urgence (des Remarques préliminaires Sur La Modification Constitucionnelle "approuvée" Par Le référendum Du 16 Avril 2017)", Lusíada. Política Internacional E Segurança, n. 13-14 (Setembro). Lisboa:133-52. In: http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/lpis/article/view/2436 (Accessed on 12/05/2023).

[26] Soulé, Folashadé (2020) "Africa+1" summit diplomacy and the "new scramble" narrative: Recentering African agency", African Affairs, Volume 119, Issue 477, October 2020, pp. 633-646. In: https://academic.oup.com/afraf/article/119/477/633/5851108 (Accessed on 27/12/2022).



Figure 4. Türkiye-Africa relations have grown stronger over the years
Source: https://www.trtafrika.com/english/article/472cf6c04261 (Accessed on 03/12/2025).

Turkey has been determined not to fall behind in this new "Great Game". Within the framework of its multidimensional foreign policy, it has significantly increased its presence in Africa, already rivaling some of the more traditional powers.[27] The figures speak for themselves:

- The volume of trade between Turkey and Africa has grown dramatically.
- According to economist Güven Sak (TEPAV), "the total value of all projects completed on the continent to date amounts to around 70 billion USD".
- In 2020, Turkish exports to Africa reached 15 billion USD.
- The total volume of Turkish-executed projects in Africa has expanded rapidly and reached 77.8 billion USD.[28]
- Turkey has established Business Councils with 45 African countries.[29]

In December 2021, Turkey hosted the Third Turkey–Africa Partnership Summit, attended by the overwhelming majority of African states. At this summit, President Erdoğan pledged to send 2.5 million doses of COVID-19 vaccine to Africa — contrasting with the hesitation displayed by some European states and institutions within the COVAX mechanism.[30]

[27] Marcou, Jean (2021) La Turquie en Afrique: une présence tous azimuts. In: https://information.tv5monde.com/afrique/la-turquie-en-afrique-une-presence-tous-azimuts-428937 (Accessed on 28/12/2022).
[28] "Turkey´s Erdogan is scoring points in Africa". In: https://www.dw.com/en/turkeys-erdogan-is-scoring-points-in-africa/a-60174019 (Accessed on 27/12/2022).
[29] "Turkey-Africa Relations". In: https://www.mfa.gov.tr/turkiye-africa-relations.en.mfa (Aces-so 07/04/2023).
[30] "Turkey´s Erdogan is scoring points in Africa". op. cit.

Several European countries have felt Turkey's assertiveness, notably France. Ankara has capitalised on the deteriorating relations between Paris and some of its former colonies in the Sahel and in North and Central Africa. This is evident, for instance, in Erdoğan's visit to Niger and Turkey's rapprochement with Mali.

Turkey and France also hold sharply divergent positions regarding the conflict in Libya.[31] Many French analysts view Turkey as exploiting — or even deliberately encouraging — anti-French sentiment in Africa. As Luis Martinez (Sciences Po–CERI) notes:[32]

> "(...) Alongside its ambitions in Africa, Turkey's rapprochement with Algeria has translated into increased Turkish investments (five billion dollars) and rising trade — Turkey became Algeria's third-largest client in 2020. President Tebboune describes relations with Erdoğan's Turkey as 'excellent'. This convergence raises numerous concerns in France, particularly because of its interests in the Sahel."

These rivalries also reflect Ankara's frustration with French policies regarding Greece, Armenia and Cyprus — not to mention France's longstanding opposition to Turkey's EU accession (the "Sarkozy effect").[33] Erdoğan regularly highlights France's growing difficulty in maintaining influence in its former African colonies. In August 2023, after the coup in Niger and the country's suspension of uranium exports to France, Erdoğan congratulated the junta's stance, referencing France's colonial past and affirming Turkey's commitment to "positive relations with African countries".[34] This frustration is echoed in President Emmanuel Macron's statement, in a 25 September 2020 interview:

> "(...) The Russians and the Turks have no interest whatsoever in Africa's development. They are neocolonial."[35]

[31] "France-Turkey Dispute Grows Over Cartoons and Influence in Africa". In: https://www.voanews.com/a/europe_france-turkey-dispute-grows-over-cartoons-and-influence-africa/6197727.html (Accessed on 07/04/2023).
[32] Martinez, Luis (2023) L´Afrique, Le Prochain Califat? Paris: Tallandier. p. 172.
[33] Niger is the main supplier of uranium to France. The French multinational ORANO controls a significant portion of the uranium mines in that African country. More than 70% of the electricity produced in France originates from nuclear power plants. This suspension could have significant implications for the French nuclear industry. Ver, inter alia, "How dependent is France on Niger´s uranium?"- In: https://www.lemonde.fr/en/les-decodeurs/article/2023/08/04/how-dependent-is-france-on-niger-s-uranium_6080772_8.html (Accessed on 05/08/2023).
[34] Cfr: "Erdogan: Niger´s Suspension of Uranium Export Is "Response" to France´s Oppres-sion". In: https://www.moroccoworldnews.com/2023/08/356882/erdogan-nigers-suspension-of-uranium-export-is-response-to-frances-oppression (Accessed on 05/08/2023).
[35] Glaser, Antoine e Pascal, Airault (2023) Le Piège Africain de Macron – Du continente à l´Hexagone. Paris: Pluriel. p. 241.

From the Portuguese perspective, Turkey's growing presence in Angola, Mozambique and Guinea-Bissau is seen as the arrival of an additional competitor in markets where Portuguese companies traditionally enjoy advantages — particularly in construction, public works, and some service sectors. China and Brazil are also strong competitors, and Turkey joins this expanding group.[36] In Guinea-Bissau, the main source of concern is religious influence. Turkey has financed the construction of numerous mosques and madrassas, raising fears that the historically harmonious balance between Christian and Muslim communities may shift.[37]

The Turkey–Africa relationship is frequently described as "win-win":
- African states gain access to new partners, financing, investment, and credit.
- Turkey gains allies, markets for exports, and access to raw materials.

During a state visit to Zambia, President Erdoğan stated:[38]

> "Turkey does not come to Africa merely in search of gold and natural resources as Westerners once did, but in search of a solid, lasting partnership based on mutual benefit."

One particularly important area is defence cooperation and arms sales. Turkish-made drones — especially the Bayraktar TB2 — have been widely used in Libya, Syria and Nagorno-Karabakh, and have been purchased by Morocco, Ethiopia and Tunisia, with additional African states expressing interest.[39] Turkey has become a partner on which African states can increasingly rely, and it already rivals, in many areas, certain former colonial powers. China has long surpassed them in Africa; Turkey now appears to be following a similar trajectory.[40] Whether Turkey's goals are sustainable in the long term remains to be seen, but so far it appears to be achieving them.

[36] "Os novos parceiros estratégicos de Angola e a posição de Portugal". In: https://www.cedesa.pt/2021/10/29/os-novos-parceiros-estrategicos-de-angola-e-a-posicao-de-portugal/ (Accessed on 07/04/2023).
[37] "Guiné-Bissau: "Há políticos que tentam transformar o país num estado islâmico", denun-cia director da rádio da igreja". In: https://fundacao-ais.pt/guine-bissau-ha-politicos-que-tentam-transformar-o-pais-num-estado-islamico-denuncia-director-da-radio-da-igreja/ (Accessed on 15/04/2023).
[38] Bechev, Dimitar (2022) Turkey Under Erdogan. New Haven and London: Yale University Press. p. 180.
[39] Marcou, Jean (2021) Les drones, nouvelle arme de la diplomatie turque? In: http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2021/04/19/les-drones-nouvelle-arme-de-la-diplomatie-turque/ (Accessed on 28/12/2022).
[40] Following a visit by President Recep Erdogan to Angola (October 2021), it was also reported that Angola was interested in acquiring Turkish drones. Cf. "Angola Request-ed Turkish-Made UAVs, Armored Carriers," M5 Dergi, (October 18, 2021), In: https://m5dergi.com/defence-news/erdogan-says-angola-requested-turkish-made-uavs-armored-carriers/ (Accessed on 14/04/2023).

6. The 'Ankara Consensus'

The question of whether an "Ankara Consensus" exists in Turkey's engagement with Africa inevitably leads to a reassessment of the other well-known "consensus" models: the Washington Consensus and the Beijing Consensus, widely discussed in the academic literature.[41]

The term Washington Consensus refers to the economic and political conditionalities imposed by the international financial institutions (IFIs), particularly the International Monetary Fund (IMF) and the World Bank, headquartered in Washington, which applied these conditions as prerequisites for granting loans. These conditionalities were later adopted by other multilateral and bilateral Western actors (the United States and Europe), particularly from the 1990s onwards. Economically, the conditionalities rested heavily on the monetarist theories of the Chicago School, though they evolved over time due to growing criticism and the failure of many implementation programmes. Politically, the conditionalities expanded to include democratic reforms, respect for human rights and good governance. Taken together, these measures constituted the so-called Washington Consensus.

Many criticisms were raised, particularly in Africa, where a significant number of states were required to implement these "recipes" or risk losing access to financing, debt-relief initiatives or structural-adjustment programmes. Western countries and IFIs were accused of neo-colonialism and of attempting to impose a Western worldview on societies with very different historical and cultural trajectories. A recent example (March 2023) is the controversy surrounding US Vice-President Kamala Harris, who during a visit to three African countries advocated for LGBTQ+ rights. In many African contexts, such topics are extremely sensitive and often used as examples of Western "arrogance" or "paternalism", particularly when contrasted with China's approach — and, more recently, Turkey's.[42] The IMF has also faced longstanding criticism for its undemocratic voting system, based on the principle of "one dollar, one vote", rather than the sovereign equality of states — "one state, one vote".[43] Similarly, the unofficial "gentleman's agreement" whereby the IMF Managing Director is always European (lately, usually a European woman) and the World Bank President is always American is a recurrent subject of criticism.[44]

[41] Cf. Pavia, José Francisco. "As Relações Angola – R. P. China". In: Pavia, José Francisco (Co-ord.) (2011) A Política Externa de Angola no Novo Contexto Internacional, Lisboa: Quid Juris. pp. 7-19.

[42] "Ghana´s Speaker Slams US Vice President Kamala Harris For Canvassing Gay Rights". In: https://saharareporters.com/2023/03/29/ghanas-speaker-slams-us-vice-president-kamala-harris-canvassing-gay-rights (Accessed on 30/04/2023).

[43] "How Does The IMF Make Decisions?". In: https://www.imf.org/en/About/Factsheets/Sheets/2022/How-the-IMF-makes-decisions (Accessed on 30/04/2023).

[44] "It´s time to end the gentleman´s agreement – an open letter to the IMF". In: https://www.opendemocracy.

It was in this context that the People's Republic of China advanced in Africa, particularly from the early 2000s onwards, offering financing without Western-style conditionalities. China thus presented itself as an alternative to the Washington model, pursuing a pragmatic, non-ideological policy, largely indifferent to human-rights concerns or Western definitions of governance. This approach became known as the Beijing Consensus, characterised by:[45]

- respect for non-interference in domestic affairs;
- emphasis on sovereignty and coexistence;
- economic engagement without political preconditions.

The only political requirement was adherence to the "One China" policy, meaning that countries establishing diplomatic relations with Beijing must sever ties with Taiwan — a condition not always favourable, but generally accepted by African partners.[46]

For most African countries, China offered:

- access to cheaper and more diverse consumer goods,
- rapid construction of vital infrastructure,
- loans at low interest rates,
- job creation and business opportunities,
- a genuine alternative to Western dependency.[47]

But this model also prompted criticism. China was increasingly accused of neo-colonial behaviour, replicating unequal trade structures (exporting manufactured goods while importing raw materials), and driving states into a "debt trap" similar to what Western institutions had once been blamed for. The case of Angola, China's largest African debtor (around USD 45 billion), is often cited.[48] Infrastructure built by Chinese companies also came under scrutiny — such as the Kenyan bridge that collapsed in 2017, the Zambian road destroyed by rains, or the Luanda General Hospital, closed shortly after its inauguration due to structural safety failures.[49] Another major concern is China's reliance

net/en/oureconomy/its-time-to-end-the-gentlemans-agreement-an-open-letter-to-the-imf/ (Accessed on 30/04/2023).

[45] Pavia, José Francisco (2022). "The "Middle Empire" Strikes Back: China in Africa". Apresen-tada na Journée d´étude, "Global and Regional Powers in Africa", que decorreu em Sciences Po, Grenoble, França, no dia 15 de Abril de 2022. Publicado em Sciences Po Grenoble Blog, em 26 de Abril de 2022. http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2022/04/26/the-middle-empire-strikes-back-china-in-africa/

[46] Pavia, José Francisco (2022). "Rent-seeking elites versus the disempowered: a case study on the divergente interests, on foreign policy, in São Tomé & Príncipe". Occasional Paper Series On Islands and Small States, L-Università ta`Malta, ISSN 1024-6282. Occasional Paper Number: 02/2022. https://www.um.edu.mt/library/oar/bitstream/123456789/99185/1/Rent-seeking%20elites%20versus%20the%20disempowered.pdf

[47] Pavia, José Francisco (2022). "The "Middle Empire" Strikes Back: China in Africa". op. cit.

[48] "Angola é o maior devedor africano à China e dívida deve ser "prioridade global". In: https://expresso.pt/internacional/2023-01-01-Angola-e-o-maior-devedor-africano-a-China-e-divida-deve-ser-prioridade-global-792f76df (Accessed on 07/04/2023).

[49] "A Chinese-built bridge collapsed in Kenya two weeks after it was inspected by the presi-dent". In: https://

on Chinese migrant labour, reducing local employment opportunities and sometimes creating cultural friction.[50] Studies even suggest a correlation between the number of Chinese expatriate workers in African countries and the degree to which those countries are non-democratic. [51, 52, 53]

It is within this global competition that Turkey appears with a distinct model, which several scholars have labelled the "Ankara Consensus" — an alternative to both Washington's liberal conditionality and Beijing's state-led developmentalism.[54]

The Ankara Consensus may be defined as a model that:

- promotes peace-building and mutual engagement;
- does not reject capitalism;
- uses development aid as a foreign-policy instrument;
- incorporates a religious dimension in its humanitarian discourse;
- adheres to a principle of non-conditionality;
- emphasises South–South dialogue (even if Turkey does not fully belong to the "Global South");
- criticises Western-led global governance (e.g., IMF, World Bank, WTO).[55]

This model has been described as a tertium genus — a third way — between Washington and Beijing.

6.1. The Turkey–Africa Summits

As previously mentioned, Turkey has invested in the organisation of periodic Turkey–Africa summits, in a manner that mirrors practices already common among other external actors — for example, China–Africa summits, Russia–Africa summits, EU–Africa summits, and US–Africa summits.

qz.com/africa/1015554/a-chinese-built-bridge-collapsed-in-kenya-two-weeks-after-it-was-inspected-by-the-president (Accessed on 30/04/2023).

[50] "Rains Damage Lusaka-Chirundu road". In: https://www.lusakatimes.com/2009/03/20/rains-damage-lusaka-chirundu-road/ (Accessed on 30/04/2023).

[51] "Hospital Geral de Luanda encerra após quatro anos". In: https://www.bbc.co.uk/portugueseafrica/news/story/2010/07/100706_angolachinahospitallv.shtml (Accessed on 30/04/2023).

[52] "Chinese workers on Africa´s infrastructure projects: the link with host political regimes". In: https://theconversation.com/chinese-workers-on-africas-infrastructure-projects-the-link-with-host-political-regimes-195732 (Accessed on 30/04/2023).

[53] "Global Freedom Status". In: https://freedomhouse.org/explore-the-map?type=fiw&year=2023 (Accessed on 30/04/2023).

[54] Ver, inter alia, Donelli, Federico (2022) Turkey in Africa. London: Bloomsbury Academic e Aidi, Hisham (2022) Africa and the "Ankara Consensus, In: https://www.policycenter.ma/sites/default/files/2022-03/PB_20-22_Aidi.pdf (Accessed on 26/03/2023).

[55] Cf. Donelli, Federico (2022) op. cit. pp. 126-128.

The first Turkey–African Union Summit, held in Istanbul in 2008, formalised the strategic partnership between the two parties. It identified a wide range of cooperation areas, from intergovernmental cooperation to trade and investment, as well as security and education.[56]

The second summit, held in Malabo, Equatorial Guinea, in 2014, expanded on the areas established in the first summit and added new domains, including:

- peace and security,
- culture and tourism,
- technology transfer,
- energy and transport,
- health,
- media and communication.

The third summit, held again in Istanbul in 2021, took place in the context of the COVID-19 pandemic. It reinforced existing ties and previously agreed commitments, included critiques of Western models of engagement with Africa, and featured promises of increased trade, more investment, and additional scholarships for African students. Libya is scheduled to host the next Africa-Turkish Summit in 2026.



Figure 4. Turkey-Africa Summit
Source: https://qantara.de/en/article/turkey-africa-summit-erdogan-scores-made-turkey-points (Accessed on 03/12/2025).

[56] "Third Africa-Turkey Partnership Summit". In: https://au.int/en/newsevents/20211216/third-africa-turkey-partnership-summit-enhanced-partnership-common-development (Accessed on 07/04/2023).

6.2. Turkey's investment in education, religion and development aid

Turkey has focused on differentiating its engagement with Africa by developing a strategy centred on education, religion and development aid.

Religious dimension:

On the religious front, Turkey leverages the fact that many African countries — particularly those once under Ottoman influence — share the Islamic faith. Turkey promotes:

- a form of moderate Islam,
- the construction of mosques and Qur'anic schools (madrassas),
- the gradual limitation of the influence previously held by Fethullah Gülen and his movement across various African states.[57]

Indeed, the Gülen movement (a network of Islamic associations, media outlets and educational institutions) had initially helped pave the way for Turkey's expansion into Africa. The AKP government used this movement during the early years to project influence into several African countries.[58]

However, following the failed coup attempt of 2016, the Turkish government blamed Gülen's organisation for orchestrating it, and since then he has become President Erdoğan's "arch-enemy". Consequently, Turkey has actively worked to curtail the movement's presence across Africa.[59]

Educational programmes:

Turkey also has an active policy of granting scholarships to African students. Their numbers have risen significantly, and currently over 60,000 African students are enrolled in Turkish educational institutions.[60]

This contributes to:

- strengthening long-term cultural links,
- building pro-Turkish elites,
- enhancing Turkey's soft-power presence across the continent.

[57] "O pensador islâmico que se tornou o arqui-inimigo de Erdogan". In: https://www.dn.pt/mundo/o-pensador-islamico-que-se-tornou-o-arqui-inimigo-de-erdogan-5300861.html (Accessed on 07/04/2023).

[58] Nogueira Pinto, Teresa (2021) "Turkey´s strategy for Africa". In: https://www.gisreportsonline.com/r/turkeys-influence-in-africa/ (Accessed on 15/04/2023).

[59] In Angola, Luanda, the Colégio Esperança Internacional, linked to the Fethullah Gülen movement, was abruptly closed by Angolan authorities in February 2017. Also in Mozambique, in January of that year, following a visit by the Turkish President, the Mozambican government was asked for support to stop the Gülen movement, which had a very extensive network of schools in the country.

[60] "Scholarships attracting African students to Turkey". In: https://thepienews.com/news/turkey-african-student-numbers-grow/ (Accessed on 07/04/2023).

Development aid:

In terms of development cooperation, Turkey has become highly visible, particularly in the Horn of Africa (Somalia, Sudan, Djibouti and Ethiopia). In Somalia, Turkey is now the principal donor and financial supporter.

The leading institution in this field is the Turkish Cooperation and Coordination Agency (TİKA), Turkey's main development-aid agency, which runs more than 22 cooperation programmes across Africa. This development assistance also reflects geopolitical and strategic objectives — notably, balancing the influence of Gulf states such as the United Arab Emirates and Saudi Arabia, both of which have been highly active in the region.[61]



Figure 6. The National Mosque of Ghana
Source: AI-generated image. DALL·E 3 platform, January 30, 2026.

6.3. The unique role of Turkish Airlines

Turkish Airlines has been one of the distinctive pillars of Turkey's rapprochement with Africa. The establishment of Istanbul as a major global aviation hub — one of the largest in the world — and the continuous expan-

[61] Karabektas, Selcan (2022) Quand les puissances du Moyen-Orient exportent leurs rivalités dans la Corne de l´Afrique. In: http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2022/03/15/quand-les-puissances-du-moyen-orient-exportent-leurs-rivalites-dans-la-corne-de-lafrique/ (Accessed on 07/04/2023).

sion of Turkish Airlines' network across Africa clearly set Turkey apart from other international actors. With the inauguration of the new Istanbul Airport in 2018, now the busiest airport in Europe and one of the busiest globally, Turkish Airlines became one of the world's largest airlines, both in terms of passenger numbers and international destinations.[62]

Explosive expansion in Africa:

- In 2004, Turkish Airlines operated flights to only four African destinations — the capitals of the countries that had been part of the Ottoman Empire:

Algiers, Cairo, Tripoli and Tunis.

- By 2019, that number had risen to fifty-two African destinations.
  - Passenger numbers rose from 320,000 to over six million in the same period.[63]

Strategic impact:

Direct air links between major African cities and Turkey's main cultural and economic centre have:

- simplified business exchanges,
- reduced travel times and costs,
- boosted tourism,
- multiplied student exchanges,
- facilitated trade and investment,
- increased the frequency of political, cultural, military and religious visits.

In practice, Turkish Airlines functions as a commercial and logistical bridge between Africa and Europe through Turkey, enhancing Turkey's soft power and expanding its political and economic reach.

[62] "Turkish Airlines Becomes The World´s Largest Network Airline". In: https://www.traveldailymedia.com/turkish-airlines-becomes-the-worlds-largest-network-airline/ (Accessed on 07/04/2023).
[63] "Inside Turkish Airlines Incredible Africa Growth". In: https://simpleflying.com/inside-turkish-airlines-incredible-africa-growth/ (Accessed on 07/04/2023).

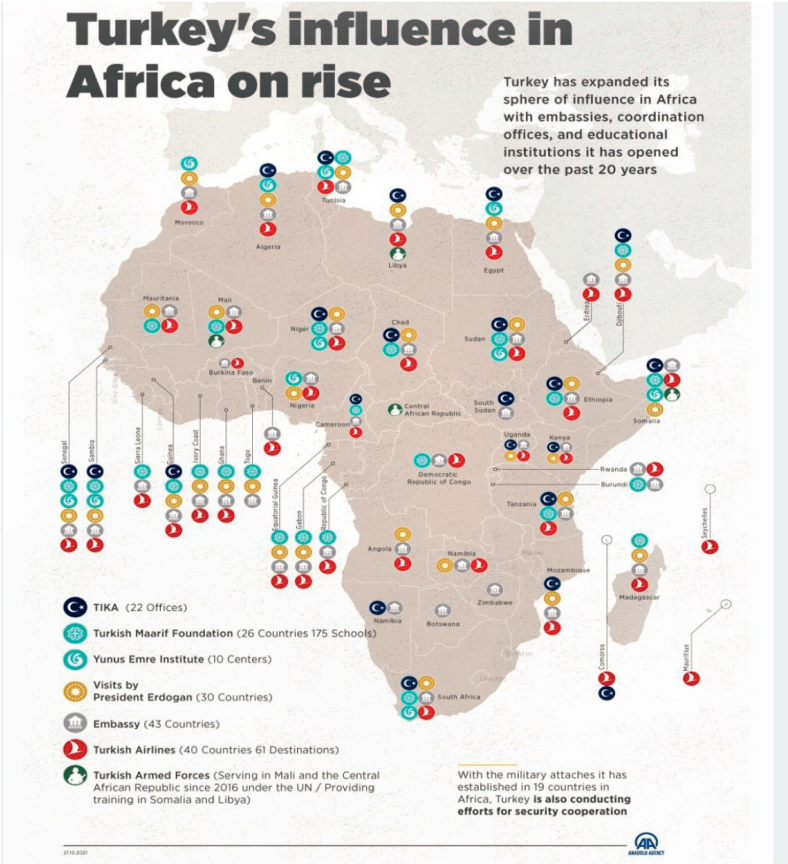


Figure 7. Turkey's influence in Africa on rise
Source: https://x.com/LopesInsights/status/1643360169252749312?lang=bg (Accessed on 03/05/2024).

6.4. The expansion of Turkey's diplomatic presence

Turkey has also distinguished itself in this domain. In addition to organising the Turkey–Africa summits already discussed, Ankara has invested heavily in significantly expanding its diplomatic footprint across the African continent.

In 2002, Turkey had only 12 embassies in Africa. By 2022, that number had risen to 44 embassies.[64] Similarly, the number of African embassies in Ankara increased dramatically — from 10 in 2008 to 38 in 2022.[65]

[64] For comparison, Portugal currently has 17 embassies in Africa and France has 50.
[65] "Turkey-Africa Relations". In: https://www.mfa.gov.tr/turkiye-africa-relations.en.mfa (Accessed on 07/04/2023).

Beyond embassies: a multilayered institutional presence. Turkey's diplomatic expansion extends well beyond the opening of embassies. Numerous Turkish institutions now operate across Africa, including:[66]

- TİKA – Turkish Cooperation and Coordination Agency
- AFAD – Disaster and Emergency Management Presidency
- Yunus Emre Institute – promoting Turkish language and culture
- Turkish Maarif Foundation – education sector
- Turkish Religious Foundation (Diyanet)
- Anadolu Agency – media

Turkey has also organised diplomatic training courses for young African diplomats since 1992. Since then, around 250 diplomats have completed programmes at the Diplomatic Academy of the Turkish Ministry of Foreign Affairs.[67] This enhanced diplomatic presence has yielded substantial results, improving:

- bilateral political relations,
- multilateral cooperation,
- goodwill and political trust,
- access to African markets and governments,
- opportunities for Türkiye to open doors for broader strategic, economic, cultural and defence initiatives.

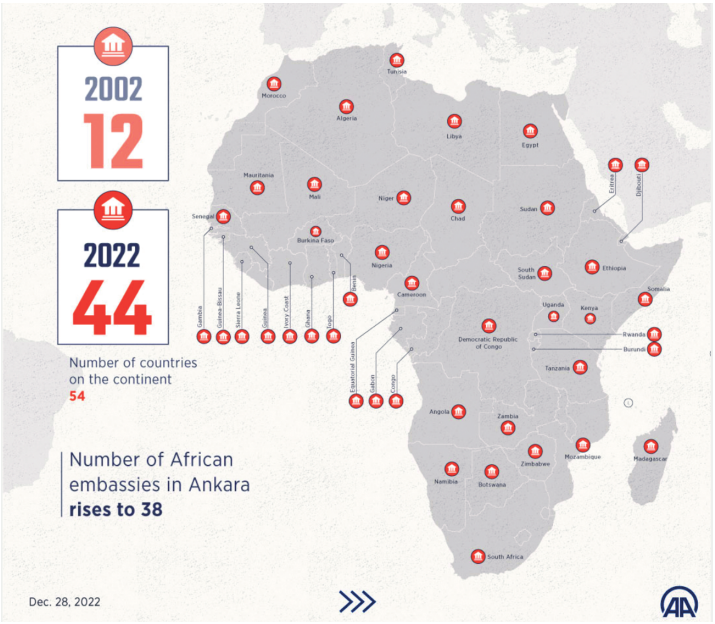


Figure 8. Number of Turkish embassies in Africa
Source: https://www.insightturkey.com/articles/a-founding-role-in-turkiyes-africa-policy-the-action-plan-for-opening-to-africa (Acessed on 03/12/2025).

[66] Idem.
[67] Ibidem.

6.5. The launch of TRT Africa

In March 2023, Turkey, within the framework of its public diplomacy towards Africa, launched a new digital news channel specifically focused on the African continent.[68] This initiative aims to "bring Turkey's voice to the world through international broadcasting organisations". TRT Africa will operate in dozens of African countries in:

- English,
- French,
- Swahili (spoken widely in East Africa, from northern Mozambique to Somalia),
- Hausa (a major African language spoken in Nigeria, Niger and across West Africa and the Sahel).

Its mission is to "present the real image of the continent to the world". It should be recalled that TRT already has a digital news channel in Portuguese, which includes a dedicated Africa section. Turkey also plans to train twenty-three journalists from sixteen African countries, further deepening media cooperation.

This initiative fits within Turkey's broader communication strategy in Africa and places it alongside similar efforts by France, Portugal, the United Kingdom, the United States and Germany.[69]



Figure 9. Türkiye-Africa: win-win partnership
Source: https://www.youtube.com/watch?v=1WM-iGF6p_Y (Accessed on 03/12/2025).

[68] "TRT África vai iniciar a sua emissão nas línguas inglesa, francesa, suaíli e haúça". In: https://www.trt.net.tr/portuguese/africa/2023/03/29/trt-africa-vai-iniciar-a-sua-emissao-nas-linguas-inglesa-francesa-suaili-e-hauca-1966916 (Accessed on 08/04/2023).
[69] "TRT Português". In: https://www.trt.net.tr/portuguese/africa (Accessed on 08/04/2023).

7. Conclusions

We believe that — as a first partial conclusion — one may answer affirmatively the question posed at the end of Chapter Five: whether Turkey is indeed a partner on which African states can rely, and whether Turkey's presence in Africa will become a structural factor in international politics. Turkey is also — although it does not wish to acknowledge it — a former colonial power in Africa; as the natural heir to the Ottoman Empire, which had a significant and long-lasting presence on the continent, particularly in its northern and eastern regions. Thus, Turkish objectives align, to a considerable extent, with those of other major actors in Africa, including former colonial powers. Turkey is therefore both a new and an old actor in Africa:

- A new actor, because it spent decades largely detached from African affairs after the collapse of the Ottoman Empire and its displacement by European colonial powers.
- An old actor, because Turkey's return to Africa constitutes, in many respects, a "return" to regions that were once under Ottoman domination — albeit now under an entirely different paradigm.

Turkey's goals are therefore economic, financial and commercial, but also geopolitical and geostrategic, reflecting its identity as a regional power seeking global influence and the internationalisation of its foreign policy. As Volkan İpek emphasises:[70]

"In the period following 1998, Turkish foreign policy used its opening towards Africa to increase Turkey's prestige, as well as to assume a leading role in the region and in its economic, educational and cultural development. In conclusion, the decision to open to Sub-Saharan Africa was not only an economic initiative, but also a diplomatic endeavour of global scope."

As a member of the G20, Turkey now aspires to join the BRICS (Brazil, Russia, India, China and South Africa), while remaining a NATO member and a dialogue partner of the Shanghai Cooperation Organisation, thus pursuing a multi-vector foreign policy.[71, 72] 72 Politically, Turkey has succeeded in building goodwill and alliances across Africa. This has enabled Ankara to secure African votes for its candidacies — for example, for non-permanent membership of the UN Security Council (2010)— and for other institutional positions, including the election of Turkish nationals to international bodies. African states have also shown increasing support for Turkey on the Kurd-

[70] Ipek, Voltan (2017) "Turkey´s Foreign Policy Towards Sub-Saharan Africa". In: Ercan, Pinar Gozen (Edit.) (2017) Turkish Foreign Policy. London: Palgrave Macmillan. pp. 232-233.
[71] "About G20". In: https://www.g20.org/en/about-g20/ (Accessed on 07/04/2023).
[72] Marcou, Jean (2021) La Turquie en Afrique: une présence tous azimuts. op. cit.

ish and Armenian issues. Simultaneously, Turkey has opened new arenas of geopolitical competition, notably with the Gulf states (UAE, Saudi Arabia), in Egypt, Libya, and East Africa.[73]

Regarding whether Turkey's engagement with Africa amounts to a distinctive model — the "Ankara Consensus" — we believe that, as a second partial conclusion, this relationship indeed contains unique features.

Its characteristics, examined in detail earlier, allow us to contrast it meaningfully with both the Washington and Beijing models and to recognise it as an autonomous approach. Turkey's presence in Africa has produced both positive and negative effects.

Positive impacts include:
- investment in economic and social development projects,
- construction of infrastructure, schools, and hospitals,
- improvement of local living conditions,
- increased economic cooperation and trade.

Negative impacts include:
- accusations of economic exploitation,
- concerns about unequal power relations,
- fears of political and economic dependency,
- Turkey's growing role as a supplier of arms to African states.

The latter issue is particularly sensitive: for years, Turkey's influence in Africa relied on soft power. Yet, in recent years, it has increasingly embraced hard power, exporting drones, armoured vehicles, naval equipment, helicopters and assault weapons to states such as:[74] Gambia, Senegal, Mali, Niger, Kenya, Uganda, Côte d'Ivoire, Ethiopia, with Angola and Nigeria also expressing interest. Turkey's intervention in Libya and its arms sales during the Ethiopian civil war illustrate this shift.[75] Should this transformation become structural, Turkey risks losing the distinctive image it has carefully crafted — that of a humanitarian, benevolent partner — becoming instead another international actor involved in regional conflicts and domestic affairs.[76]

[73] Karabektas, Selcan (2022) Quand les puissances du Moyen-Orient exportent leurs rivalités dans la Corne de l´Afrique. op. cit.
[74] Karabektas, Selcan (2022) Turkiye as an emerging power in the horn of Africa. Lusíada. Polí-tica Internacional E Segurança, (21-22), 9–30. https://doi.org/10.34628/nnwr-kk51
[75] Marcou, Jean (2022) Turkey, a New African Power. OrientXXI, Diplomacy. In: https://orientxxi.info/magazine/turkey-a-new-african-power,5310 (Accessed on 08/04/2023).
[76] Karabektas, Selcan (2022) Turkiye as an emerging power in the horn of Africa. op. cit.

According to Federico Donelli, 2017 marks the beginning of a new phase in Turkey's Africa policy:[77]

- the year after the failed coup attempt,
- the year of Turkey's constitutional transformation to an enhanced presidential system.

This period witnesses a transition from soft power to hard power, driven by Turkey's expanding military–industrial complex and the personal decision-making style of President Erdoğan and his inner circle. Donelli argues that whether this shift is structural or merely temporary would depend on the outcome of Turkey's 2023 elections. These elections — now concluded — resulted in Erdoğan's re-election, strongly indicating that this shift is likely to endure.[78] Thus, the third and final conclusion is: Hard power has become an integral part of the "Ankara Consensus", and Turkey's engagement in Africa is entering a new, militarised stage likely to shape the continent's geopolitical landscape for years to come.



Figure 10. Turkish African relations past, present and future
Source: https://uwidata.com/24443-turkish-african-relations-past-present-and-future/ (Accessed on 03/12/2025).

References

"A Chinese-built bridge collapsed in Kenya two weeks after it was inspected by the president". In: https://qz.com/africa/1015554/a-chinese-built-bridge-collapsed-in-kenya-two-weeks-after-it-was-inspected-by-the-president (Acesso em 30/04/2023).

[77] Donelli, Federico (2023) "From humanitarianism to drones: the pragmatic flexibility of Tur-key´s policy toward Sub-Saharan Africa". In: Poliarchie/Polyarchies, vol. 6, 1/2023, pp. 4-21.
[78] Donelli, Federico (2023) op. cit.

"About G20". In: https://www.g20.org/en/about-g20/ (Acesso em 07/04/2023).

AL RAISI, Lara (2023) Ottomania. Paris: Éditions Erick Bonnier.

AIDI, Hisham (2022) Africa and the "Ankara Consensus, In: https://www.policycenter.ma/sites/default/files/2022-03/PB_20-22_Aidi.pdf (Acesso em 26/03/2023).

"Angola Requested Turkish-Made UAVs, Armored Carriers," *M5 Dergi*, (October 18, 2021), In: https://m5dergi.com/defence-news/erdogan-says-angola-requested-turkish-made-uavs-armored-carriers/ (Acesso em 14/04/2023).

"Angola é o maior devedor africano à China e dívida deve ser "prioridade global". In: https://expresso.pt/internacional/2023-01-01-Angola-e-o-maior-devedor-africano-a-China-e-divida-deve-ser-prioridade-global-792f76df (Acesso em 07/04/2023).

BECHEV, Dimitar (2022) Turkey Under Erdogan. New Haven and London: Yale University Press.

"Chinese workers on Africa´s infrastructure projects: the link with host political regimes". In: https://theconversation.com/chinese-workers-on-africas-infrastructure-projects-the-link-with-host-political-regimes-195732 (Acesso em 30/04/2023).

COSTA E SOUSA, Luís (2008) Campanha da Etiópia, 1541-1543. 400 Portugueses em socorro do Preste João. Lisboa: Tribuna da História.

DAVUTOGLU, Ahmet (2008) "Turkey's Foreign Policy Vision: An Assessment of 2007", Insight Turkey, Vol,10, N. 1, pp. 77-96. [Online] Available at: http://file.setav.org/Files/Pdf/ahmet-davutoglu-turkeys-foreign-policy-vision-an-assessment-of-2007.pdf (Acesso em 29/12/2022).

DOGAN, Ahmet (2021) Berlin West African Conference 1884-1885 and the Ottoman Empire. Master Dissertation submitted to the Graduate School of Social Sciences of Middle East Technical University. Ankara: s.e.

DONELLI, Federico (2022) Turkey in Africa. London: Bloomsbury Academic.

DONELLI, Federico (2023) "From humanitarianism to drones: the pragmatic flexibility of Turkey´s policy toward Sub-Saharan Africa". In: Poliarchie/Polyarchies, vol. 6, 1/2023, pp. 4-21. DOI: 10.13137/2611-2914/35188.

"Eleições presidenciais e legislativas podem trazer surpresas na Turquia". In: https://www.rfi.fr/pt/mundo/20230510-eleições-presidenciais-e-legislativas-podem-trazer-surpresas-na-turquia (Acesso em 12/05/2023).

"Erdogan: Niger´s Suspension of Uranium Export Is "Response" to France´s Oppression". In: https://www.moroccoworldnews.com/2023/08/356882/erdogan-ni-

gers-suspension-of-uranium-export-is-response-to-frances-oppression (Acesso em 05/08/2023).

ESTIVAL, Jean-Pierre (2021) La Guerre du Gaz en Méditerranée: Géopolitique du Partage de la Mer. Paris: L´Harmattan.

FAROQUI, Suraiya (2004) The Ottoman Empire and the world around it. New York: I.B. Tauris.

"France says blunt "non" to Turkey". In: https://www.france24.com/en/20110225-france-sarkozy-gul-turkey-eu-hopes (Acesso em 11/05/2023).

"France-Turkey Dispute Grows Over Cartoons and Influence in Africa". In: https://www.voanews.com/a/europe_france-turkey-dispute-grows-over-cartoons-and-influence-africa/6197727.html (Acesso em 07/04/2023).

"Freedom in the World 2023 – Turkey". In: https://freedomhouse.org/explore-the-map?type=fiw&year=2023&country=TUR (Acesso em 07/04/2023).

"Ghana´s Speaker Slams US Vice President Kamala Harris For Canvassing Gay Rights". In: https://saharareporters.com/2023/03/29/ghanas-speaker-slams-us-vice-president-kamala-harris-canvassing-gay-rights (Acesso em 30/04/2023).

GLASER, Antoine e Pascal, Airault (2023) Le Piège Africain de Macron – Du continente à l´Hexagone. Paris: Pluriel.

"Global Freedom Status". In: https://freedomhouse.org/explore-the-map?type=fiw&year=2023 (Acesso em 30/04/2023).

"Guiné-Bissau: "Há políticos que tentam transformar o país num estado islâmico", denuncia director da rádio da igreja". In: https://www.fundacao-ais.pt/pt/noticias/noticias1-guine-bissau---ha-politicos-que-tentam-transformar-o-pais-num-estado-islamico--denuncia-director-da-radio-da-igreja/ (Acesso em 15/04/2023).

"Hospital Geral de Luanda encerra após quatro anos". In: https://www.bbc.co.uk/portugueseafrica/news/story/2010/07/100706_angolachinahospitallv.shtml (Acesso em 30/04/2023).

"How dependent is France on Niger´s uranium?"- In: https://www.lemonde.fr/en/les-decodeurs/article/2023/08/04/how-dependent-is-france-on-niger-s-uranium_6080772_8.html (Acesso em 05/08/2023).

"How Does The IMF Make Decisions?". In: https://www.imf.org/en/About/Factsheets/Sheets/2022/How-the-IMF-makes-decisions (Acesso em 30/04/2023).

INALCIK, Halil et al (1997) An Economic and Social History of the Ottoman Empire, 1300-1914. Cambridge: Cambridge University Press.

"Inside Turkish Airlines Incredible Africa Growth". In: https://simpleflying.com/inside-turkish-airlines-incredible-africa-growth/ (Acesso em 07/04/2023).

IPEK, Voltan (2017) "Turkey´s Foreign Policy Towards Sub-Saharan Africa". In: Ercan, Pinar Gozen (Edit.) (2017) Turkish Foreign Policy. London: Palgrave Macmillan.

"It´s time to end the gentleman´s agreement – an open letter to the IMF". In: https://www.opendemocracy.net/en/oureconomy/its-time-to-end-the-gentlemans-agreement-an-open-letter-to-the-imf/ (Acesso em 30/04/2023).

KABOĞLU, İbrahim (2017) "Turquie: Suppression Du Regime Parlementaire Sous l'état d'urgence (des Remarques préliminaires Sur La Modification Constitucionnelle "approuvée" Par Le référendum Du 16 Avril 2017)", Lusíada. Política Internacional E Segurança, n. 13-14 (Setembro). Lisboa:133-52. In: http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/lpis/article/view/2436 (Acesso em 12/05/2023).

KALIBER, Alper (2013) The Post-Cold War Regionalisms of Turkish Foreign Policy. [Online] Available at: (2) (PDF) Kaliber, Alper. "The Post-Cold War Regionalisms of Turkish Foreign Policy." Journal of Regional Security 8:1 (2013): 25-48. | Journal of Regional Security - Academia.edu (Acesso em 27/12/2022).

KARABEKTAS, Selcan (2022) Quand les puissances du Moyen-Orient exportent leurs rivalités dans la Corne de l´Afrique. In: http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2022/03/15/quand-les-puissances-du-moyen-orient-exportent-leurs-rivalites-dans-la-corne-de-lafrique/ (Acesso em 07/04/2023).

KARABEKTAS, Selcan (2022) "Turkiye as an emerging power in the horn of Africa". Lusíada. Política Internacional E Segurança, (21-22), 9–30. https://doi.org/10.34628/nnwr-kk51

KINROSS, Lorde (2022) Os Séculos Otomanos – Ascensão e Queda do Império Turco. Silveira: Bookbuilders.

MALEKANDATHIL, Pius (2010) Maritime India: Trade, Religion and Polity in the Indian Ocean. New Delhi: Primus Books.

MARCOU, Jean (2021) La Turquie en Afrique: une présence tous azimuts. In: https://information.tv5monde.com/afrique/la-turquie-en-afrique-une-presence-tous-azimuts-428937 (Acesso em 28/12/2022).

MARCOU, Jean (2021) Les drones, nouvelle arme de la diplomatie turque? In: http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2021/04/19/les-drones-nouvelle-arme-de-la-diplomatie-turque/ (Acesso em 28/12/2022).

MARCOU, Jean (2022) Turkey, a New African Power. OrientXXI, Diplomacy. In: https://orientxxi.info/magazine/turkey-a-new-african-power,5310 (Acesso em 08/04/2023).

MARTINEZ, Luis (2023) L´Afrique, Le Prochain Califat? Paris: Tallandier.

MINAWI, Mostafa (2016) The Ottoman Scramble for Africa – Empire and Diplomacy in the Sahara and the Hijaz. Stanford, California: Stanford University Press.

NOGUEIRA PINTO, Teresa (2021) "Turkey´s strategy for Africa". In: https://www.gisreportsonline.com/r/turkeys-influence-in-africa/ (Acesso em 15/04/2023).

"O pensador islâmico que se tornou o arqui-inimigo de Erdogan". In: https://www.dn.pt/mundo/o-pensador-islamico-que-se-tornou-o-arqui-inimigo-de-erdogan-5300861.html (Acesso em 07/04/2023).

"Os novos parceiros estratégicos de Angola e a posição de Portugal". In: https://www.cedesa.pt/2021/10/29/os-novos-parceiros-estrategicos-de-angola-e-a-posicao-de-portugal/ (Acesso em 07/04/2023).

PAVIA, José Francisco (2023) "The West and the Rest: The Global South Challenging the International Liberal Order", Blog Sciences Po Grenoble, em 22 de Abril de 2023. http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2023/04/22/the-west-and-the-rest-the-global-south-challenging-the-international-liberal-order/

PAVIA, José Francisco (2022). "Rent-seeking elites versus the disempowered: a case study on the divergent interests, on foreign policy, in São Tomé & Príncipe", Occasional Paper Series On Islands and Small States, L-Università ta`Malta, ISSN 1024-6282. Occasional Paper Number: 02/2022. https://www.um.edu.mt/library/oar/bitstream/123456789/99185/1/Rent-seeking%20elites%20versus%20the%20disempowered.pdf

PAVIA, José Francisco (2022). "The "Middle Empire" Strikes Back: China in Africa". Apresentada na Journée d´étude, "Global and Regional Powers in Africa", que decorreu em Sciences Po, Grenoble, França, no dia 15 de Abril de 2022. Publicado em Sciences Po Grenoble Blog, em 26 de Abril de 2022. http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2022/04/26/the-middle-empire-strikes-back-china-in-africa/

PAVIA, José Francisco (2021) "La réception de la Constitution Turque de 1921 par les constitutionnalistes dans le monde Lusophone", Polis, N. 4 (II Série), Julho-Dezembro 2021, pp-57-62. DOI: https://doi.org/10.34628/hf80-5173

PAVIA, José Francisco. "As Relações Angola – R. P. China". In: Pavia, José Francisco (Coord.) (2011) A Política Externa de Angola no Novo Contexto Internacional, Lisboa: Quid Juris.

PEREIRA, Edgar Cravo Bertrand. Calecute e Porto Seguro: a génese da pluricontinentalidade. In: Fiolhais, Carlos e Franco, José Eduardo e Paiva, José Pedro (Dir.) (2020) História Global de Portugal, Lisboa: Temas e Debates.

"Rains Damage Lusaka-Chirundu road". In: https://www.lusakatimes.com/2009/03/20/rains-damage-lusaka-chirundu-road/ (Acesso em 30/04/2023).

SARKOZY, Nicolas (2023) Le Temps Des Combats. Paris: Fayard.

"Scholarships attracting African students to Turkey". In: https://thepienews.com/news/turkey-african-student-numbers-grow/ (Acesso em 07/04/2023).

SOULÉ, Folashadé (2020) "Africa+1" summit diplomacy and the "new scramble" narrative: Recentering African agency, African Affairs, Volume 119, Issue 477, October 2020, pp. 633-646. In: https://academic.oup.com/afraf/article/119/477/633/5851108 (Acesso em 27/12/2022).

"Third Turkey-Africa Partnership Summit delivers win-win agreements". In: https://african.business/2021/12/trade-investment/turkey-africa-partnership-summit-set-for-17-18-december/ (Acesso em 28/12/2022).

"Third Africa-Turkey Partnership Summit". In: https://au.int/en/newsevents/20211216/third-africa-turkey-partnership-summit-enhanced-partnership-common-development (Acesso em 07/04/2023).

"TRT África vai iniciar a sua emissão nas línguas inglesa, francesa, suaíli e haúça". In: https://www.trt.net.tr/portuguese/africa/2023/03/29/trt-africa-vai-iniciar-a-sua-emissao-nas-linguas-inglesa-francesa-suaili-e-hauca-1966916 (Acesso em 08/04/2023).

"TRT Português". In: https://www.trt.net.tr/portuguese/africa (Acesso 08/04/2023).

"Turkey-Africa Relations". In: https://www.mfa.gov.tr/turkiye-africa-relations.en.mfa (Acesso em 07/04/2023).

"Turkey´s Erdogan is scoring points in Africa". In: https://www.dw.com/en/turkeys-erdogan-is-scoring-points-in-africa/a-60174019 (Acesso em 27/12/2022).

"Turkish Airlines Becomes The World´s Largest Network Airline". In: https://www.traveldailymedia.com/turkish-airlines-becomes-the-worlds-largest-network-airline/ (Acesso em 07/04/2023).

"Why the EU loves Erdogan". In: https://www.politico.eu/article/turkey-why-the-eu-loves-recep-tayyip-erdogan-elections/ (Acesso em 11/05/2023).

Universidade
lusíada
editora

Composto em caracteres Myriad Pro,
em março de 2026.



A **Universidade Lusíada Editora**
utiliza materiais de impressão ecológicos com papel certificado.

Os avanços da Turquia em África têm sido significativos. Ankara não quer ficar de fora no novo "jogo de poder" que se desenrola em África. Alguns autores falam mesmo na emergência de um "Consenso de Ankara" em contraste com o Consenso de Washington e o Consenso de Pequim. Será a Turquia capaz de levar a cabo estes objectivos ambiciosos no âmbito da sua política neo-otomana? Terão estes objectivos consistência? Tentaremos responder a estas e outras perguntas nesta publicação.

Turkey's advances in Africa have been significant. Ankara does not want to be left out of the new 'power game' unfolding in Africa. Some authors even speak of the emergence of an 'Ankara Consensus' in contrast to the Washington Consensus and the Beijing Consensus. Will Turkey be able to achieve these ambitious goals within the framework of its neo-Ottoman policy? Are these goals consistent? We will attempt to answer these and other questions in this publication.

ISBN 978-989-99640-2-0